

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES • DELEGAÇÕES: LISBOA - TELEF. 31839 - FARO - R. INFANTE D. HENRIQUE, 11-TELEF. 875
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54-VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - V. R. S. ANTÓNIO

O ALGARVE NECESSITA DE UMA AVENIDA MARGINAL DE SAGRES A MONTE GORDO

pelo dr. VIRGÍLIO PASSOS



A extensa praia de Alvor que seria beneficiada com a sugerida e indispensável avenida marginal de Sagres a Monte Gordo

ALGARVE luminoso, terra de sonho e magia, detentor das mais belas praias, que um clima excepcional pôde tornar na mais desejada estância de turismo do continente, continua pouco mais do que abandonado às belezas naturais e aos caprichos dos que compram os terrenos que se debruçam sobre o mar.

Como o mais decisivo passo para a sua valorização, torna-se necessário que se abra uma avenida ao longo da costa, desde Sagres à praia de Monte Gordo. Depois, que não sejam permitidas construções que prejudiquem a visibilidade sobre o azul imenso do Oceano, contornado de falésias guarnecidas a ouro em todo o Barlavento algarvio; uma avenida onde se possa colossais, do Algarve sensual e amoroso de que nos fala o poeta João Lúcio.

Que todos possam contemplar o Algarve de tardes serenas e rubros poentes, de luz tropical e alegres campinas que lembram jardins, sob a luz voluptuosa e meiga do entardecer, que tudo aveluda e acetina; ou compartilhar do romper da manhã, onde há acordes musicais nos espaços e o colorido impressionista dos montes que nos emociona!

Uma avenida, larga e espaçosa, donde se possa contemplar a paisagem marítima a Sul, e a paisagem terrestre, a Norte; a paisagem variada, desde o verde escuro do arvoredo ao verde tenro das searas, desde o vermelho das papoilas ao dourado dos trigais, onde habita um povo alegre e acolhedor. Nessa avenida, deve haver recintos para parques de campismo.

A Praia da Rocha, que continua ligada a Portimão, por uma velha e tortuosa estrada de péssimo pavimento, mostra-nos de novidade um bloco residencial, de quatro andares, quase concluído e o início

(Conclui na 6.ª página)

3) - UM NOVO PARAÍSO DE FÉRIAS

A COSTA SOALHEIRA DE PORTUGAL

por DAVID DODGE

MELHOR hotel em toda a costa é o novo e luxuoso Vasco da Gama, em Monte Gordo, com uma diária para casal, refeições incluídas, de um máximo de 320\$00. As outras diárias completas são de 120\$00 para uma pessoa e menos de 210\$00 para casal bem assim como nas pousadas (hotéis construídos pelo Governo). Nas pensões paga-se cerca de 100\$00 por casal e uma média de 75\$00 a 90\$00 por pessoa. Por uma lei portuguesa todos estes preços incluem meia garrafa de vinho por pessoa ao almoço e jantar e 10% para o serviço em vez de gorjeta.

Finalmente, o Algarve continua a servir o que de há muito foi bandido de outros sítios — uma chávena de café por 1\$50, com a gorjeta do empregado incluída. Este delicioso anacronismo sobrevive porque o café vem das possessões portuguesas em África e é vendido a cerca de 40\$00, o quilo, no mercado local. Esse mesmo café é mais caro do outro lado da fronteira, em Espanha, por isso um tráfico extra-oficial se opera através da fronteira do rio Guadiana sendo as pesetas invertidas em «sherry» espanhol para importação em Portugal. No lado português do rio, há a re-

(Conclui na 5.ª página)

Será presidido pelo sr. governador civil do Distrito o sarau de ginástica do Clube Náutico do Guadiana de Vila Real de Santo António

VOLVU-SE o interesse do público pelo sarau anual de ginástica do Clube Náutico do Guadiana, de Vila Real de Santo António, a realizar em 25 deste mês no salão do Lusitano Futebol Clube e a que se digna presidir o sr. dr. António Baptista Coelho, governador civil do Distrito, que de há muito dedica justificada atenção à excelente actividade do Náutico.

A cuidada preparação dos ginastas vila-realenses, embora lutando com grandes dificuldades por falta de material e por deficiência de instalações, e a apresentação de duas das melhores classes do Lisboa Ginásio Clube, contribuem para que o sarau deste ano esteja a ser aguardado com o maior entusiasmo por quantos apreciam os belos espectáculos proporcionados

(Conclui na 4.ª página)

OS PESADOS ENCARGOS QUE DIFICULTAM A ACTIVIDADE PISCATÓRIA E QUE DEVIAM SER OBJECTO DE REVISÃO PARA SE EVITAR O DECAIMENTO DA INDÚSTRIA DA PESCA FORAM AGRAVADOS PELA JUNTA AUTÓNOMA

A CERCA dos pesados encargos (agora agravados pela Junta Autónoma dos Portos de Sotaventos) que esmagam a indústria da pesca, recebemos do sr. João Bernardino Pires, um dos mais antigos armadores de Vila Real de Santo António da pesca da sardinha uma extensa carta da qual vamos transcrever a parte que melhor esclarece o problema:

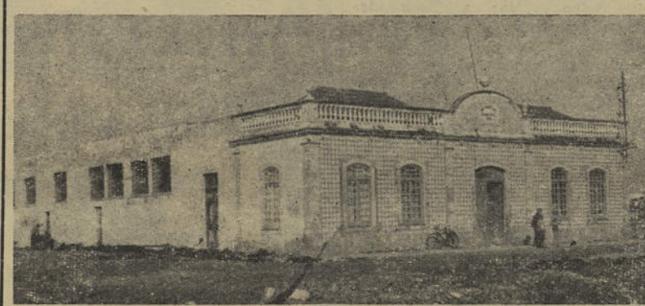
É sobre estes (impostos ou tributos) os que existiram sempre, os que foram depois criados, e os que aparecem constantemente que eu quero falar. Todos nós, armadores, sabemos que a indústria da pesca está assoberbada de encargos, de impostos, de taxas e de licenças, que esta indústria não pode suportar. O facto de se terem melhorado e aumentado os barcos e os motores e de se terem apetrechados as unidades como hoje se encontram, não quer dizer, como

(Conclui na 12.ª página)

Nova iluminação na Rua Teófilo Braga e no obelisco da Praça Marquês de Pombal em Vila Real de Santo António

COMEÇARAM a funcionar no domingo, na Rua Teófilo Braga, em Vila Real de Santo António, novos candeeiros que valorizam esteticamente aquela concorrida artéria, agora a melhor iluminada da Vila Pombalina.

Na segunda-feira, comemorando o aniversário da fundação de Vila Real de Santo António, foi pela primeira vez iluminado por projectores o obelisco da Praça Marquês de Pombal.



O matadouro de Olhão que terá que ser sacrificado em parte à construção do novo estádio

A propósito do estádio do Olhanense fala-se nas vantagens da construção de um matadouro regional

A CONSTRUÇÃO do projectado estádio do Olhanense, no Largo da Feira, vai obrigar à demolição de parte do matadouro municipal. Isso determinará naturalmente a construção de um novo matadouro. Achámos portanto oportuno ouvir acerca deste problema o nosso comprovinciano sr. dr. Manuel Neves Ramos, veterinário municipal, que encara o problema num âmbito que transcende os limites concelhios. No seu modo de ver de-

via fazer-se uma concentração regional dos matadouros.

— E quais as vantagens?
— O mais baixo custo das operações, a especialização do pessoal, diminuição de mão-de-obra, mecanização de processos e sobretudo o

(Conclui na 12.ª página)

Visado pela delegação de Censura



Acaba de chegar-nos este modelo de chopéu. Cremos que agradará às nossas leitoras.

NOVOS RUMOS NA PRODUÇÃO DE AZEITONA DE MESA

pela eng.ª-agrón. MARIA DE LURDES DUARTE AMARAL

CONTINUAMOS hoje o artigo sobre a cultura de oliveira para produção de azeitona de mesa.

Um sistema de cultura da oliveira para azeitona de mesa, experimentado com certo êxito nalguns países produtores e de que muito se tem falado, é a exploração da árvore sob a forma de cordões ou palmetas, não sendo mais este sistema, do que uma transposição dos processos empregados aliás com bons resultados nesses países, para as pomóideas.

Neste processo a oliveira é plantada em linhas obrigando-se os ramos a uma curvatura de 30 a 45°. Não se dispõe de porta-enxertos ananíticos, em Itália e em França usam-se, das melhores variedades regionais, as mais apropriadas aos fins em vista (nós poderíamos ensaiar as nossas) diminuindo-lhes a arborescência por curvaturas. Ao mesmo tempo estas práticas determinam uma alteração de equilíbrio entre as funções vegetativas e reproduti-

(Conclui na 7.ª página)

A IMPERIOSA NECESSIDADE DUMA ESCOLA TÉCNICA EM PORTIMÃO

por TORQUATO DA LUZ

O JORNAL DO ALGARVE interessa-se por todos os problemas do Algarve. Onde quer que eles existam, aí está a lutar para que se lhes dê imediata solução. No caso presente trata-se de uma das maiores necessidades da progressiva cidade de Portimão: a sua Escola Técnica.

Para não correremos o risco de fazer afirmações que se possam imputar de gratuitas tivemos há pouco uma troca de impressões com o dedicado portimonense e nosso amigo sr. Joaquim A. Nunes, que ultimamente se tem dedicado ao estudo do problema. Dessa conversa tirámos algumas conclusões que podem sintetizar-se no seguinte:

Em virtude do enorme surto de progresso que sopra em redor de Portimão, a cidade tem inúmeros problemas a exigir solução. O maior de todos porém é, apesar de tudo, a Escola Técnica, criada pelo decreto-lei n.º 36.409, de 11 de Julho de 1947. Efectivamente, a maioria dos pescadores e operários das indústrias locais, não pode suportar o encargo de mandar os filhos para a Escola Técnica mais próxima, que fica a 18 quilómetros de distância.

Por outro lado tornam-se absolutamente necessários homens com uma formação industrial capaz para satisfazer as modernas exigências de produção — para o que, temos de concordar, é absolutamente insuficiente a instrução primária. A solução dos métodos de trabalho nos ramos da indústria, comércio, agricultura e até nas funções públicas, produziu nos últimos tempos uma mutação profunda nas instituições, na vida social, na economia e cultura dos povos que caminham na vanguarda do progresso.

Se queremos viver a par dos países de boa escala de produção precisamos de duplicar os esforços e realizar trabalho de qualidade, preparando com eficiência, por mes-

(Conclui na 4.ª página)

JANELA DO MUNDO

pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

A REVOLTA DOS ESCRAVOS

NUMA cidade norte-americana do Estado de Alabama, milhares de homens lutam pelos seus mais sagrados direitos. Isto passa-se em pleno século XX, num país que se diz dos mais adiantados do Mundo e que se tem colocado à cabeça de todos os movimentos ocidentais contra os regimes de opressão. Isto passa-se dois séculos depois da Revolução Francesa, quando a escravatura já foi abolida em todas as nações civilizadas, numa época de formação de Estados africanos cuja independência é muitas vezes conseguida à custa dos Estados Unidos.

Birmingham é uma cidade do Sul como muitas outras. O que ali se passa hoje aconteceu ontem ou eclodirá amanhã, noutros pontos do Alabama, do Texas ou do Mississippi. Até agora os negros jamais viram satisfeitos as suas exigências porque sempre tiveram a autoridade estadual contra.

E o que são essas exigências? Tudo que há de mais natural: livre concorrência aos empregos; frequência dos mesmos restaurantes, cinemas, tabacarias, cafés e outros recintos públicos onde vão os brancos; possibilidades idênticas de instrução.

Como não reconhecer a mais elementar justiça nesta luta? Como não condenar asperamente uma legislação que impede, por meio de factos de agulheta, bastões e cães-policiais, estes homens de se manifestarem, que prende mais de 2.500 pessoas, incluindo centenas de crianças?

Simplesmente porque há homens que querem ser tratados como os outros homens, seus semelhantes, e dos quais diferem apenas na tonalidade da pele, simplesmente porque há homens que se recusam a ser tratados como escravos e desejam o reconhecimento de direitos que há milhares de anos são inerentes aos mortais.

Tudo isto acontece numa cidade dos Estados Unidos em pleno século XX!

MATEUS BOAVENTURA

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

A saúde
é a maior riqueza

A MÁQUINA HUMANA

O organismo humano assemelha-se a uma máquina que trabalha sem cessar. Mesmo em repouso ou durante o sono, está funcionando, gastando-se e consumindo energia. É preciso, pois, pensar o gasto e reparar as perdas. O material reparador dos tecidos e fornecedor de energia é o alimento.

Use alimentação adequada para fornecer as substâncias indispensáveis ao bom funcionamento da máquina humana.

CRÓNICA DE FARO

por ENCARNAÇÃO VIEGAS



Uma crónica sem tema

ALCURREI a cidade de lés-a-lés. Cruzei-a em todos os sentidos, percorri quilómetros sobre quilómetros em busca de algo que me sugerisse um tema para a nossa habitual conversação semanal. As tardes e noites calmosas deste Maio que teima em parecer Agosto adormecem-me a imaginação e nem sequer me deixam o recurso à divagação.

Procuro, procuro e por mais que busque nada encontro que me pareça merecer as duas escassas colunas que a Redacção espera «pachorrentamente» e sem sobressalto até quarta-feira à tarde. Não é que se não notem deficiências mas quase todas já foram focadas nas colunas desta secção de Faro. A má pavimentação da cidade é já quase lugar-comum até porque ao que consta, a verba necessária para os arranjos atinge uma expressão numérica que excede em muito os orçamentos municipais e já se conhece a tardança em que se envolvem as comparticipações. São muitos a pedir e sempre um só a dar.

«Homem! — fale na falta de vigilância que se observa no que respeita à limpeza de tapetes em plena manhã» — sugere-nos um amigo a quem demos conta das nossas atribuições. É verdade — pensei eu — que já tenho visto muita gente quase em pleno meio dia, bater das janelas os tapetes, contribuindo assim para o aumento da poeira que se nota nas ruas (como se já fosse pouca a existente, particularmente para os lados do mercado). Mas a verdade é que o tema é insuficiente para uma crónica.

De repente ocorreu-me: O Salão de Arte Fotográfica. Pouco consensual. Apenas que se pensa abrir a exposição dos trabalhos entre 10 e 15 de Junho; que o nível dos trabalhos apresentados é excelente e supera em muito o do ano anterior e que a projecção do certame permitiu o envio de trabalhos da Austrália e México, a atestar o magnífico contributo que o concurso tem prestado ao conhecimento além-fronteiras desta cidade de Santa Maria. Soubemos ainda que o júri deve estar reunido à hora a que escrevemos mas que só depois desta reunião serão fornecidos elementos concretos para a imprensa.

Desesperávamos. Até que... até que, decidimos ir para casa, que como diria o nosso recordado ex-camarada Mário Zambujal, não estava o tempo para andar na rua.

Pois apesar de não ser dia para andar na rua, quase não pudemos ficar em casa e ali encontramos elemento para a nossa crónica que, de resto, é repetição do ano passado: os incómodos insectos que se chamam mosquitos. Com os calores a que temos estado sujeitos, já se torna insuportável a vida nos bairros da periferia, dada a legião de insectos que invade as nossas casas e que pode trazer com ela toda a casta de doenças infecciosas, fazendo perigar a saúde pública. Em anos anteriores as brigadas dos serviços anti-sazonáticos têm procedido a pulverizações nas residências e o certo é que a bicharra-

Rancho Folclórico de Santo Estêvão de Tavira

Na recepção aos Delegados dos Caminhos de Ferro Europeus, no Hotel Vasco da Gama, de Monte Gordo, esteve presente o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Santo Estêvão de Tavira e não o da Conceição de Tavira, como por lapso noticiámos.

Maria do Rosário Bandeira da Fonseca e Ana Rita Bandeira da Fonseca de Azevedo Justo

AGRADECIMENTO
Sua família agradece reconhecida a todas as pessoas que se incorporaram no funeral, ou, por qualquer forma, manifestaram os seus sentimentos de pesar, pedindo desta forma pública muitas desculpas a quem por desconhecimento de moradas não agradeceu directamente. Cumpre, também, o justo dever de testemunhar o seu profundo reconhecimento aos Ex.^{mos} Srs. Drs. Francisco Dias Cavaco, José Afonso Gomes e Raul Folque Flores, pelo cuidado e carinho que sempre lhes dispensaram, bem como o amigável interesse que durante a doença demonstraram.

VENDE-SE

- 1 Mobília de sala de jantar, em carvalho americano flor (11 peças);
 - 1 Mobília de sala, em nogueira, estilo D. João V (14 peças);
 - 1 Mesa de jogo, em mogno, antiga, para 6 pessoas;
 - 3 Secretárias altas para contabilidade (2 em castanho e 1 em riga);
 - 1 Secretária alta, em nogueira, para tesouraria;
 - 3 Bancos altos (2 em riga e 1 em nogueira);
 - 2 Máquinas de escrever «RE-MINGTON» (grandes — teclado internacional);
 - 1 Cofre com duas portas, com 1,00 X 1,75 (exterior);
 - 1 Cofre monobloco com 1 porta, com 0,58X1,30 (exterior);
 - 1 Balcão almofadado, em mogno, com 9,30 (em 2 peças);
 - 1 Balcão almofadado, em mogno, com divisórias envidraçadas com vidros martelados, para tesouraria;
 - 1 Balcão almofadado, em flandres;
 - 1 Guarda vento com 2,15 de largura, em carvalho e com vidros martelados;
 - 7 Portas de balanço, de 2 meias-portas cada, em mogno, com molas e vidros martelados;
 - Divisórias envidraçadas, com vidros martelados, em arco, em flandres;
 - Várias peças de lambris, em mogno;
 - 4 Depósitos em madeira, para cereais;
 - 2 Câmaras de expurgo, em madeira, forradas a zinco;
 - Várias mesas de madeira, forradas a zinco;
 - Vária madeira de pinho para vigeamento, paus e cavaletes;
 - 1 Escadote grande em madeira e 2 janelas de castanho, com vidros;
 - Vário ferro, cantoneiras, tubagem nova e usada;
 - Balanças decimais e bomba de trasfega;
 - 1 Motor eléctrico «SHINDLER» de 4 HP, 1.450 r. (novo);
 - 1 Camioneta «VOLVO», carga 5.500 quilos (desmanchada);
 - 1 Armazém com frente para duas ruas, bem localizado, em Lagoa.
- Vendedor: — JOAO DA SILVA FRANCÉS — Telef. 7 — LAGOA.

TIJOLOS E TELHAS

Bons entre os melhores e mais baratos

Comprando nas Fábricas de Cerâmica da Companhia das Fábricas Cerâmica Lusitânica, da Vala do Carregado (perto da Ponte Marechal Carmona), Telef. Carregado, 26; da Moita do Ribatejo, Telef. 239014; e Setúbal (R. António José Baptista, 100), Telef. 22835, aproveitando os preços especiais nelas em vigor para retornos.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e chegadas

De avião, regressou da sua viagem de negócios a Moçambique e à África do Sul o nosso assinante no Porto, sr. Damião Carriho Medeiros, sócio-gerente da firma daquela cidade Textilmacoa — Sociedade Exportadora de Têxteis Nacionais, Lda.

— Em companhia de seu esposo, sr. eng. agrônomo Antonio Caiado Gago Falcão de Campos, encontra-se em Vila Real de Santo António, de visita a seus pais, a sr.ª dr.ª Maria de Fátima Rodrigues Prazeres Falcão de Campos.

— Foi a Lisboa acompanhar pessoas de família que se dirigiram para o Brasil o nosso prezado colaborador e amigo sr. João de Deus Andrade.

— Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa a sua casa em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. capitão Joaquim Guilherme Travassos.

— Também regressou de Lisboa a sua residência em Monte Clérigo (Aljezur) o nosso estimado colaborador sr. José Furtado Júnior.

— Visitou o Jornal do Algarve o sr. Afonso André dos Santos Pereira, nosso assinante em Serpa, que se encontra a passar uns dias no Algarve. Os nossos agradecimentos.

— Retiraram: para Ceuta, o sr. Fernando Félix da Costa Parra e para Cádiz, o sr. Filipe da Silva Parra, ambos nossos assinantes.

— Seguiu da Suíça para o Brasil, onde ficou residência, o nosso assinante sr. Jorge Leitão Pisco.

— Com curta demora, esteve em Vila Real de Santo António, em companhia de sua esposa e filhos, o nosso assinante sr. Virgílio Ramos Machado.

— Acompanhado de sua esposa e filha, esteve em Vila Real de Santo António o nosso assinante em Lourenço Marques sr. Epiácio Guerreiro Amado, que se encontra na Metrópole em gozo de férias.

— Encontra-se em Vila Real de Santo António, o sr. Manuel Tenório, nosso assinante no Barreiro.

Casamento

Realizou-se em Lisboa, na igreja de S. Sebastião, o casamento da nossa provinciana sr.ª D. Maria Solange Nobre, filha da sr.ª D. Maria Júlia de Jesus e do sr. Manuel Francisco Nobre, já falecido, com o sr. António Madeira, também nosso provinciano, filho da sr.ª D. Amélia Madeira e do sr. Firmino António Júnior. Foi celebrante o rev. Vitor Franco, servindo de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Ermelinda Calega e o sr. Manuel de Jesus Nobre, e, por parte do noivo, seus pais.

SINE IRA ET STUDIO

POESIAS DE MORAIS LOPES

Dois livros de versos de Morais Lopes: «Caminhada», de 1958, distinguido com o Grande Lauro, no Concurso Internacional de Poesia «Giacomo Leopardi», de Roma, e «Poesia—Cor+Movimento», de 1963, este todo ele composto de sonetos. Num e noutro o poeta está presente a dominar a arte sem hesitações, principalmente quanto à técnica do ritmo, mais evidentemente em «Caminhada», que no outro. Nos sonetos, Morais Lopes seguiu o rumo clássico, até mesmo no que respeita ao pensamento, pelo que não traz nada de novo. Não fosse a sua «Caminhada» e Morais Lopes ver-se-ia julgado poeta antigo, velho... Mas a «Caminhada» redime-o, integrando-o no movimento modernista.

O poema «Caminhada», que dá o título ao volume, ainda que ultrapassado na ideia, é impressionante pela eloquência alcançada, apoiado na rima e na palavra sonante. Dir-se-ia esperar um declamador, um actor de recital. Porém, essa corrente impetuosa de palavras, rica de ritmos, merecia, quanto ao pensamento, uma roupagem mais moderna, um sentido mais actual das coisas do espírito. Mais do que ninguém, o poeta, hoje, deve sentir a sua época.

No poema seguinte — «Poeta» —, menos galvanizante do que aquele, nota-se a preocupação constante da rima a sobrelevar um possível pensamento condizente com a forma moderna empregada. É uma espécie de música nova, bela, com letra antiquada. Diante disso, somos obrigados a concluir que Morais Lopes cuida mais da poesia no campo da beleza, ou seja do lirismo, tal qual fizeram os clássicos, do que da poesia como fundo do pensamento, ou seja das ideias, segundo os caminhos actuais dessa mesma arte. Alguma coisa de novo e de maior tem de justificar a quebra das grilhetas do classicismo, tanto na forma como no conteúdo. De contrário, teria sido inútil a revolução da poesia moderna. Mas Morais Lopes não a ignora.

Continuando a leitura desse livro, surge-nos a certa altura uma espécie de reviravolta — e eis que o poeta aparece com a mesma exuberância, mas trilhando já os caminhos do seu tempo; menos pessoal e mais humanista, sobretudo em três pequenos poemas, nos quais a beleza da forma iguala a do pensamento: «Não mais prisões», «Homem» e «Grito de Revolta». Nesses, Morais Lopes ombréia com os melho-

LOTAS DO ALGARVE

de 9 a 15 de Maio
Vila Real de Santo António

TRAINEIRAS I		Lagos	
Tufo	57.000\$00	Austral	58.700\$00
Bela Canopa	21.469\$00	Gracinha	54.590\$00
Agadão	22.895\$00	N.ª Sr.ª da Graça	27.350\$00
Nova Liberta	22.529\$00	Marisabel	25.870\$00
Arrifana	22.620\$00	Pérola de Lagos	25.250\$00
Diamante	21.907\$00	Milita	21.200\$00
Flor do Guadiana	18.505\$00	Sr.ª da Encarnação	20.090\$00
Refrega	17.816\$00	Brisamar	18.690\$00
Raullito	17.769\$00	Costa de Oiro	11.770\$00
Nova Clarinha	17.425\$00	Virgem de Guile	12.510\$00
Sete Estrelas	16.925\$00	N.ª Sr.ª de Pompeia	9.000\$00
Audaz	15.395\$00	Oca	5.530\$00
Triunfante	15.275\$00	Leozinho	5.050\$00
Portugal I	15.000\$00	Olimpia Sérgio	2.820\$00
Maria Benedito	12.581\$00	Flor do Norte	2.750\$00
Conceição	11.910\$00	Manuel Machado	2.550\$00
Pérola do Guadiana	11.062\$00	Biscaia	1.980\$00
Estrela do Sul	10.580\$00	Épola	1.750\$00
Conserveira	10.519\$00	S. Flávio	1.000\$00
Flor do Sul	9.891\$00	Trío	900\$00
Leste	9.850\$00	Marebela	750\$00
Brisa	9.500\$00	La Rose	600\$00
Épola	8.670\$00	Pérola do Barlavento	570\$00
Oca	8.440\$00	Total	267.710\$00
Norte	7.850\$00		
Sr.ª do Cais	7.770\$00		
Noroeste	7.300\$00		
Vulcânia	7.067\$00		
Raul da Silva	6.850\$00		
Belnicete	6.810\$00		
La Rose	6.100\$00		
Sr.ª da Encarnação	5.900\$00		
Biscaia	5.800\$00		
Infante	5.250\$00		
Janita	5.242\$00		
Senhora da Pedra	5.100\$00		
Troiana	4.864\$00		
Pedrito	4.791\$00		
Flora	4.725\$00		
Manuel Machado	4.570\$00		
Nova Senhora da Piedade	4.485\$00		
Anjo da Guarda	4.204\$00		
Restauração	4.191\$00		
Portugal 5.ª	5.980\$00		
Lurdinhas	5.150\$00		
Olimpia Sérgio	5.110\$00		
Trío	2.580\$00		
Estrela de Maio	2.100\$00		
Nicete	1.950\$00		
Costa Azul	1.700\$00		
Mirita	1.620\$00		
Pérola Algarvia	1.488\$00		
Fernando Carlos	760\$00		
Nova Areosa	675\$00		
Vivicojo	565\$00		
Pérola do Arade	545\$00		
Leastia	502\$00		
Brisosa	500\$00		
Total	521.520\$00		

de 8 a 14 de Maio
Fuseta

CAÇADEIRAS :		Olhão	
Nova Maria Alice	21.452\$00	Lurdinhas	98.459\$00
Deus seja por mim	11.928\$00	Nova Clarinha	46.500\$00
Santo Condestável	11.760\$00	Brisamar	25.100\$00
Novo Navegador	10.550\$00	Fernando Carlos	17.220\$00
Alto Mar	10.048\$00	Alecrim	16.125\$00
Novo Albano Marques	9.808\$00	Noroeste	10.567\$00
São João da Fuseta	9.181\$00	Bela Canopa	8.578\$00
Sr.ª da Orada	7.857\$00	Sete estrelas	8.119\$00
Cinco Manas	7.694\$00	Nova Sr.ª da Piedade	6.500\$00
Dois Manos	7.570\$00	Lagoa Azul	5.745\$00
Seis de Maio	6.525\$00	Raul da Silva	5.635\$00
Santo António me Ajude	4.667\$00	Oeste	5.250\$00
Bêtnha	4.408\$00	Novo S. José	5.250\$00
Novo Miúdo	4.275\$00	Restauração	5.071\$00
Novo Pardalinho	3.996\$00	Estrela do Sul	5.043\$00
Nova Isabel Teresa	5.031\$00	Troiana	1.928\$00
Domingos Lucas	3.024\$00	Olimpia Sérgio	400\$00
Nova Santa Rita	2.576\$00	Alvarito	448\$00
Benvinda Maria	2.162\$00	Total	236.286\$00
Flausina	1.919\$00		
Maria Estrela do Mar	1.241\$00		
Senhora da Paz	976\$00		
Henrique Carlos	570\$00		
São Benedito	442\$00		
Total	147.618\$00		

de 7 a 13 de Maio
Monte Gordo

Artes diversas		Quarteira	
	9.791\$00		
TRAINEIRAS :		TRAINEIRAS :	
Raul da Silva	16.409\$00	Raul da Silva	16.409\$00
Maria do Pilar	1.750\$00	Maria do Pilar	1.750\$00
Nova Senhora da Piedade	1.569\$00	Nova Senhora da Piedade	1.569\$00
Biscaia	1.240\$00	Biscaia	1.240\$00
Lurdinhas	954\$00	Lurdinhas	954\$00
S. Paulo	720\$00	S. Paulo	720\$00
Costa Azul	710\$00	Costa Azul	710\$00
Neptúnia	672\$00	Neptúnia	672\$00
Vulcânia	541\$00	Vulcânia	541\$00
Conserveira	198\$00	Conserveira	198\$00
Senhora de Fátima	75.790\$00	Senhora de Fátima	75.790\$00
Senhora da Conceição	44.165\$00	Senhora da Conceição	44.165\$00
Maria Luisa	25.405\$00	Maria Luisa	25.405\$00
Santa Eulália	21.004\$00	Santa Eulália	21.004\$00
Olhos de Agua	15.925\$00	Olhos de Agua	15.925\$00
Artes diversas	67.757\$00	Artes diversas	67.757\$00
Total	272.687\$00	Total	272.687\$00

de 9 a 14 de Maio
Albufeira

Artes diversas		Armação de Pêra	
	9.791\$00		
TRAINEIRA :		TRAINEIRA :	
Tétis	426\$00	Pérola Algarvia	19.643\$00
ARMAÇOES :		ARMAÇOES :	
Senhora da Orada	51.515\$00	Portugal I.ª	15.050\$00
Olhos de Agua	4.819\$00	Sr.ª do Cais	14.500\$00
Maria Luisa	1.805\$00	Farião	15.000\$00
Artes diversas	27.008\$00	Mirita	15.450\$00
Total	85.410\$00	Estrela de Maio	15.500\$00

Sagres

Artes diversas		Portimão	
	50.625\$00		
TRAINEIRAS :		TRAINEIRAS :	
Praia Vitória	40.050\$00	Praia Vitória	40.050\$00
S. Flávio	36.250\$00	S. Flávio	36.250\$00
Pérola do Barlavento	35.730\$00	Pérola do Barlavento	35.730\$00
Oca	35.000\$00	Oca	35.000\$00
Tétis	35.250\$00	Tétis	35.250\$00
Ponta do Lador	35.080\$00	Ponta do Lador	35.080\$00
Brisa	31.580\$00	Brisa	31.580\$00
Leastia	31.400\$00	Leastia	31.400\$00
Flor do Norte	26.550\$00	Flor do Norte	26.550\$00
Arrifana	25.800\$00	Arrifana	25.800\$00
Brisamar	25.800\$00	Brisamar	25.800\$00
La Rose	25.730\$00	La Rose	25.730\$00
Portugal 5.ª	24.840\$00	Portugal 5.ª	24.840\$00
Maria do Pilar	22.120\$00	Maria do Pilar	22.120\$00
S. Paulo	22.880\$00	S. Paulo	22.880\$00
Fóia	22.750\$00	Fóia	22.750\$00
Novo S. Luis	20.500\$00	Novo S. Luis	20.500\$00
Belnicete	19.643\$00	Belnicete	19.643\$00
Lena	17.580\$00	Lena	17.580\$00
Pérola Algarvia	17.580\$00	Pérola Algarvia	17.580\$00
Portugal I.ª	15.050\$00	Portugal I.ª	15.050\$00
Sr.ª do Cais	14.500\$00	Sr.ª do Cais	14.500\$00
Farião	15.000\$00	Farião	15.000\$00
Mirita	15.450\$00	Mirita	15.450\$00
Estrela de Maio	15.500\$00	Estrela de Maio	15.500\$00
Maria Odete	15.510\$00	Maria Odete	15.510\$00
Maria Benedito	15.150\$00	Maria Benedito	15.150\$00
Vulcânia	12.600\$00	Vulcânia	12.600\$00
Olimpia Sérgio	12.530\$00	Olimpia Sérgio	12.530\$00
Novo S. Luis	12.100\$00	Novo S. Luis	12.100\$00
Soi	11.980\$00	Soi	11.980\$00
Pérola do Arade	11.450\$00	Pérola do Arade	11.450\$00
Monte Branco	10.660\$00	Monte Branco	10.660\$00
Brisa	9.250\$00	Brisa	9.250\$00
Leozinho	8.550\$00	Leozinho	8.550\$00
Trío	7.530\$00	Trío	7.530\$00
Manuel Machado	6.590\$00	Manuel Machado	6.590\$00
Novo Ponsul	5.650\$00	Novo Ponsul	5.650\$00
Neptúnia	5.750\$00	Neptúnia	5.750\$00
Dorita	2.500\$00	Dorita	2.500\$00
Total	741.090\$00	Total	741.090\$00

Loulé... em retrato



Se há objecto de absoluta utilidade pública, que não tenha sido retratado, literariamente, é o parafuso. E, no entanto, o que seria de tanta maravilha de mecânica, de tanta engenharia-pródigio para nos facilitar a vida, se não fosse a portentosa invenção do parafuso.

Um simples parafuso em falta pode fazer parar um comboio, condicionar o êxito de uma operação em que periguesse uma vida, impedir uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas! Parece mentira, como instrumento de tão simples e primária concepção, de consideração tão insignificante, nenhuma verdadeiramente imprevisível, nos aparece, na hora pertinente, com um valor e importância, com uma incontestabilidade flagrante, com uma indispensabilidade suprema.

Na vida e no fogo do homem com o homem, há também homens-chave, homens-tabu, homens-parafuso.

No campo social há reuniões de alto nível, que se não podem realizar sem o homem-parafuso, há deliberações que não podem executar-se porque falta apenas o elemento parafuso. Há pequeninos actos, da mais comzinha expressão, da mais insignificante constituição que se não podem celebrar porque falta o homem-parafuso! E este não é, por via de regra, a essência do impressionante, a apoteose das sumidades, mas o de mais modesta condição e valor, o de mais ínfima consideração e presença. Mas é o homem-parafuso!

Há, porém, no homem-parafuso e no elemento parafuso, uma fase que circunscribe, delimita, traduz, comporta e define toda a sua utilidade, pujança, valor intrínseco e poder de aproveitamento. É enquanto dá o aperto que lhe exigem. É enquanto não tem a rosca passada! Porque, quando chegou a esta fase, quando atinja esta particularidade e deformidade, tem de ser substituído.

Por mais que lhe metam linhas ou enchimentos na rosca, em a rosca estando passada, o parafuso tem de ser substituído, porque a sua resistência passou a ser frustrante e malograda, meramente transitória, falhada, sujeita a estóreo de um momento para o outro.

ria aquilo que sempre designara por «fantoche» ou mais popularmente, «os Robertos». Sabia que mais eruditamente se usava a designação francesa de «marionnettes», mas «titeres», confesso que nunca ouvira.

Corri ao dicionário com aquela curiosidade que tem todo aquele que ouve um vocábulo que o impressiona, pela primeira vez e deparei com a seguinte definição: «Boneco de engonços que se faz mover por meio de cordões, aquilo que, genericamente, designamos por «paíhaços».

Desta consulta ao dicionário, aumentei os meus recursos semânticos, com os vocábulos «titeres», «titeres» e «titeriteiros». E conclui que quem faz mover os bonecos titeria e o que é movido titeria-se.

Reflectindo, depois, conclui que é um mister que tem de se exercer em palco ou barraca, porque em público e raso, não era fácil camuflar ou disfarçar as cordas que movimentam os bonecos. Assim, os titeres ou titeriteiros escondem-se dentro da barraca e os titeres expõem-se à crítica, remoques ou elogios do público.

E nesta sua função de titeres, que figuras grotescas, ridículas e caricatas são obrigados a fazer? Dançam, falam e procedem sem critério, dignidade e decência, porque não têm personalidade, convicções, brio, capacidade, isenção e compostura!

Titeres, afinal!

REPORTER X

Récita dos sextanistas do Liceu de Faro

Realiza-se hoje, no ginásio do Liceu de Faro a récita dos sextanistas os quais levam à cena a comédia húngara «O Danúbio Azul», de Ladislau Fodor, seguindo-se um acto de variedades. A encenação é do sr. dr. Joaquim Magalhães.

Trespasa-se

Por motivo de retirada, Café e Casa de Pasto, com bom movimento, junto ao Posto de Abastecimento da SONAP, sítio do Chelote, Campinas de Faro. Tratar no próprio local.

JORNAL DO ALGARVE

N.º 321 — 18-5-963

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Lagos

ANÚNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que pela secção central deste Tribunal e nos autos de Execução por Custas que o Ministério Público nesta comarca move contra Catarina Rosa Batista e marido Manuel dos Ramos, proprietários, moradores no povo e freguesia de Barão de São Miguel, concelho de Vila do Bispo, por apenso ao Inventário entre Maiores por óbito de Maria de Jesus Susana, correm éditos de VINTE DIAS, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do presente, citando os credores desconhecidos daqueles executados para, no prazo de DEZ DIAS, após os éditos, virem à dita execução deduzir os seus direitos, nos termos do art.º 864.º do Cód. Proc. Civil.

Lagos, 2 de Maio de 1963.

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

Ricardo António da Velha

O Chefe da Secretaria,

José António Marques Pacheco

ILÍDIO PANINHO, LDA. SETÚBAL

VENDE:

- 1 Cravadeira BC 14, nova.
- 2 Cravadeiras manuais para latas Ø.
- 1 Máquina de lavar latas.
- 1 Cofre duplo para esterilizar.
- 4 Autoclaves-cilíndricas.
- Máquinas de aramar.
- Grelhas novas, em ferro.

CASAS E TERRENOS VENDEM-SE

Em Moncarapacho, no sítio dos Mortais junto à Estrada Nacional, prédio com 8 compartimentos, logradouro com várias dependências, pogo e árvores de fruto.

Terra de semear com amendoeiras e figueiras, no sítio do Laranjeiro.

Informa Afonso de Brito Sousa, Faro, telef. 462, ou José Martiniano, Bias do Sul, Moncarapacho.

VISITE...

LUCÍLIO MATOS TOUPA

onde encontrará o mais vasto sortido de material usado em óptimo estado para qualquer auto (automóvel, camioneta ou camião, etc.). Resolva os seus problemas tornando-se cliente da casa que mais barato vende e nas melhores condições.

R. do Alvíto, 31-A, 33, 33-A
 Telefone P. E. X. 637024
 633537
 LISBOA-3



COMUNICADO

OS REPRESENTANTES EM PORTUGAL DA FIBRA LEACRIL LEMBRAM AO PÚBLICO QUE SÓMENTE OS ARTIGOS DA MARCA LEACRIL MUNIDOS DA ETIQUETA-AUTOMÓVEL HABILITAM OS SEUS COMPRADORES A UM FIAT 600 D, COMO PRÉMIO. PARA ESTE IMPORTANTE PORMENOR SE CHAMA A ATENÇÃO DO PÚBLICO, QUE DEVE EXIGIR, NO SEU PRÓPRIO INTERESSE E SEMPRE QUE ADQUIRA MALHAS OU TECIDOS LEACRIL,

A ETIQUETA-AUTOMÓVEL (VERMELHA)



O 3.º FIAT

SERÁ SORTEADO NA RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA NO PRÓXIMO DIA 27 DE JUNHO

Melhoramentos no Algarve

O sr. ministro das Obras Públicas, através do Fundo de Desemprego, concedeu as seguintes participações: aos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Faro, para abastecimento de água, reforço, 106.550\$; à Câmara Municipal de Olhão, para construção de novos arruamentos, reforço, 56.000\$; à Associação de Beneficência e Refúgio Abolim Ascensão, para ampliação da Colónia Balnear Infantil, na praia de Faro, 119.000\$; à Santa Casa da Misericórdia de Monchique, para construção de um asilo para velhos, 340.000\$ e à Junta de Freguesia de Algoz, para a construção da sua sede, 45.000\$00.

No concurso efectuado na Federação de Caixas de Previdência, Serviços Médicos Sociais para a construção de um imóvel destinado ao posto clínico de Vila Real de Santo António, foram admitidas duas propostas, uma de 1.189.500\$ e outra de 1.225.000\$00.

Olhão e Portimão vão dispor de novos Postos Clínicos da Federação das Caixas de Previdência

A fim de se melhorar as condições de acesso dos beneficiários da Previdência e seus familiares, à utilização dos serviços médicos de que necessitem, foi elaborado um vasto plano de construções de Postos Clínicos, funcionando já algumas dezenas deles em edifícios próprios e adequados.

Dentro desta política de investimentos, de carácter infra-estrutural do novo sistema de assistência clínica, coube agora a vez ao Algarve de ser dotado com alguns Postos para um dos quais, o de Vila Real de Santo António, já foi

encerrado concurso, começando em breve as respectivas obras.

Os Serviços Médico-Sociais da Federação de Caixas de Previdência, deverão abrir em breve concursos de adjudicação para a construção de mais dois Postos — um em Olhão e outro em Portimão —, cujos projectos já foram superiormente aprovados. Destinam-se a prestar assistência a 22.000 pessoas que usufruem desse direito através das Caixas de Previdência, sendo os que maior movimento registam nesta Província. O de Olhão, da autoria do arquitecto olhanense Amável Faria, terá no piso térreo: admissão e secretaria; sala de espera; salas de pessoal masculino e feminino (vestiários) com instalações privativas; depósitos de material e farmácia; instalações sanitárias a utilizar pelos beneficiários, separados por sexos; salas de injeções, de tratamentos e de esterilizações; dependência para arrumos, e no piso superior: sala do arquitecto clínico; outra sala de espera; cinco gabinetes de consulta tendo três deles salas anexas de observação, gabinete para estomatologia com esterilização privativa; sala de radioscopia; instalações sanitárias para o pessoal e beneficiários; gabinete para a enfermeira-chefe e assistente social. O imóvel terá ainda sistema de aquecimento, telefone onde necessário, sistema de chamada de doentes por alto-falantes e será provido com um dispositivo especial para incineração de pensos.

Prestam serviço no Posto de Olhão, três médicos de clínica médica; dois de pediatria, um de ginecologia e obstetria; um de otorrinolaringologia; um de estomatologia; dois enfermeiros; uma enfermeira; duas parteiras; um auxiliar de enfermagem; três funcionários administrativos e dois auxiliares de limpeza.

Em 10 de Junho, realiza-se um almoço de confraternização do pessoal médico, administrativo e de enfermagem dos Serviços Médico-Sociais — Federação de Caixas de Previdência, que presta serviço no Algarve.

O almoço efectua-se na Colónia Balnear Pedro Teotónio Pereira, da F. N. A. T., em Albufeira e as inscrições são feitas no Posto Clínico n.º 33 (Olhão), até 25 de Maio.

Foi convidado a presidir o sr. dr. Juvenal Cartuxo Neto, delegado da zona sul.

JORNAL DO ALGARVE é vendido em Loulé pelo sr. José Isidro Barreto Lamy.

BRONQUITES — ASMA?



HOJE

em cada lar contra todas as afecções das vias respiratórias o inalador eléctrico portátil de calor regulável concebido pelo dr. Doppelstein para a respiração de ar quente e seco

À VENDA NAS FARMÁCIAS

Distribuidores exclusivos para Portugal

HASSE, LDA.
 5, CALÇADA DO GARCIA, 5
 Telef. 86 20 40 — LISBOA-2

- Eficaz contra:
- Catarro nasal
 - Constipações
 - Tosse
 - Bronquites
 - Asma ou coriza dos feno
 - Asma brônquica
 - Amigdalite
 - Inflamações da garganta e da faringe
 - Sinusite frontal, nasal e maxilar



Patente mundial

DEPOSITÁRIO NO PORTO
 BORAL
 RUA DA FÁBRICA, 56
 Telef. 5 44 17

GRATIS



1 sabonete
PALMOLIVE

ao comprar

1 dentífrico
COLGATE

tudo por
10,00

ESPAÇO DE TAVIRA

O meio relógio da torre

A QUEM venha de longe, uma das primeiras construções que lhe denuncia a cidade de Tavira, venha por que caminhos vier, é a elegante e vistosa torre do relógio municipal.

Situada sobre a colina de Santa Maria, a antiga torre, que parece ter sido em princípio misarete da mesquita moura que houve no local, mas de que já não há vestígios, foi posteriormente aumentada e ali implantado o relógio público. Esse primitivo instrumento contador de tempo que então ali foi colocado, sabe-se lá com quantas festas e pompas, ainda chegou aos nossos dias.

Tinha um único ponteiro interior a todo o diâmetro do mostrador, com a ponteira em feição de seta e a parte posterior terminando em acentuada meia-lua. Não repetia as horas mas dava quartos, que é uma coisa que dificilmente se consegue nestas épocas das grandes correntes turísticas que por aqui vão escalfando a nossa vida económica.

Referimo-nos, claro, a nós que não vendemos nem alugamos e que tudo compramos... escasso e mais caro. Mas voltemos ao relógio. A verdade é que não havia quarto de hora que lhe escapasse. Ainda se vê lá, na seneira da face sul, o sino pequeno onde ele ia contando os quartos numa voz fina e alegre, descarregando depois com grande personalidade, o vozirão do sino grande nas horas, para bem frisar a diferença.

Era na verdade um relógio simpático que ia enchendo a cidade de sonoridades melódicas, em cada quarto de hora, dia e noite, porém, mais simpático ainda porque era sério, consciuoso, e cumpria com grande escrupulo e brio o seu trabalho de relógio. Assim, tanto na face nascente da torre, como na outra que dá para o Sul, os dois ponteiros dos dois mostradores nunca apresentaram discrepâncias que pusessem em dúvida a certeza de qualquer hora, coisa que até parecia feita com grande capricho seu.

Um belo dia veio o modernismo, a mania, e começou logo a pensar-se que enquanto o Mundo era invadido por maravilhosas relógios com tantos números de ponteiros e marcações nos mostradores que uma pessoa até tem que estudar para no fim saber que horas são, mal ficava a esta cidade, uma terra grande, manter ainda um relógio público que apenas apresentava um mísero ponteiro. Não poderia isso ser feito com o mesmo brio e dignidade com largueza. Nada de misérias. Picaretas, alcapremas, alicates, tudo lá para cima e num abrir e fechar de olhos arancou-se o velho relógio e jogou-se para baixo. Nem novocaina nem nada. Assunto arrumado. Surgiu então em seu lugar um novo engenho que não dava quartos — primeira decepção — mas em contrapartida dava horas dobradas e tinha dois ponteiros. Sempre era outro luxo.

Estavam os tavirenses muito satisfeitos com o seu relógio novo, de horas e minutos, quando, poucos anos depois, ele se aborreceu dos tateios e abriu. Foram elas. Nunca se tinha visto nada igual. Só numa noite deu algumas quatrocentas e tal horas. Um despropósito. Mau governo porque mais tarde viriam a fazer-lhe falta. Daí para cá tem feito tudo quanto tem querido menos meias de agulhas. Adianta, pára, atrasa, conforme lhe parece. Bate quinze horas às cinco da tarde, além de outros singulares distúrbios que trazem o burgo preocupado e, em cada um dos seus mostradores mostra horas caprichosamente diferentes, embora nenhuma delas dê ares a nada.

Ultimamente, depois de porfiados estudos veio a descobrir-se a coisa. É que o janota, não há dúvida, é madraço. Não está para carregar com os pontei-

ros dos dois mostradores, e a prova é que, quando à experiência lhe desligaram um deles, — o do Sul — entrou a cumprir razoavelmente o encargo. E lá vai, que patife!

E por isso que a torre de Tavira, é uma daquelas raras no Mundo que possui um relógio de torre que numa das faces apresenta a hora fixa, a eterna, aquela que não muda, e na outra, a hora móvel. Não se vê a vantagem mas, enfim, sempre é uma originalidade que talvez sirva de complemento turístico. Sabe-se lá. O melhor, pelo sim, pelo não, é não mexer naquilo.

Que saudade do velho relógio. E temos a certeza que, se o repusessem lá hoje, só para se vangloriar nobremente, ele não só andaria de novo com os mostradores iguais, e dava horas absolutamente certas, mas agora até daria quartos com banho privativo e porta para a escada, tudo pelo preço antigo.

SEBASTIÃO LEIRIA

ÁFRICA

Garantimos embarques realmente rápidos. Agora já não precisa nem carta de chamada, nem caução de regresso.

AGÊNCIA ABREU

Fundada há 123 anos

AGÊNCIA EM LISBOA

Avenida da Liberdade, 158
Telefone 321697

AGÊNCIA NO PORTO

Avenida dos Aliados 207

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Portimão na Casa Inglesa.



HÁ MAIS DE 40 ANOS

que esta casa se dedica exclusivamente a fornecer os melhores tipos de lanifícios para fatos de homem, Senhora e Criança

Se V. Ex.ª ainda não conhece os meus artigos faça uma experiência.

NUM SIMPLES POSTAL PEÇA AMOSTRAS

Veja as qualidades, preços e descontos e verificará da conveniência em passar a ser meu cliente



Uma estrada que se impõe

Pouco a pouco, os problemas de trânsito vão entrando nas cidades e vilas da Província, quase sem se dar por tal. Há aglomerações, impedimentos, assomos de mau génio e discussões que, antigamente, no tempo das carroças e carruagens, não teriam aceitação. Claro que hoje, nesta era do ditamo agredido e desintegrado, uma discussão continua a ser uma forma antiga de se expressar uma ideia. Contudo dizem que da discussão nasce a luz. E pode muito bem acontecer, nascer uma estrada.

Tem a Fuseta um traçado urbanístico que não é para desprezar. Embora não se possa equiparar a uma vila, como a famosa Vila Real de Santo António, cujas linhas direitas das ruas, fazem dela uma das mais originais terras de Portugal, esta branca povoação do litoral algarvio, faz inveja a muitas das suas congéneres. Sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Faz-se o trânsito na Fuseta, em todas as ruas, pelos dois sentidos. Embora não se possa equiparar a uma vila, como a famosa Vila Real de Santo António, cujas linhas direitas das ruas, fazem dela uma das mais originais terras de Portugal, esta branca povoação do litoral algarvio, faz inveja a muitas das suas congéneres. Sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...

Para os negociantes sem ter becos e travessinhas, ou ruínas por onde não cabem duas pessoas lado a lado, recebe a Fuseta diariamente a visita de meia centena de automóveis, camionetas de carga e autocarros. Isto, quando não é mais. Porque dias há em que as artérias desta pitoresca povoação se encontram pedadas de veículos. E agora com o turismo!...



tem um perfume delicado, tão fresco e distinto

O NOVO LUX

Rossana Podesta, encantada com o novo Lux, diz-lhe:

"Também V. vai com certeza adorar o delicado aroma do novo Lux e o perfume fragrante e doce que ele deixa na sua pele".

Siga o conselho desta bela artista do cinema italiano. Use novo Lux e dê à sua pele um novo e sedutor encanto, o encanto do novo Lux.



9 de cada 10 estrelas usam Lux



RIV

ROLAMENTOS E CHUMACEIRAS PARA APLICAÇÕES INDUSTRIAIS

ESMERADO FABRICO ITALIANO

REPRESENTANTE EXCLUSIVO: AUTO-LUSITANIA AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79 LISBOA

ESTABELECIMENTO EM ALCOUTIM

Trespasa-se um estabelecimento de fazendas, mercearias e bebidas, sito na Praça da República.

Tratar com Viúva de Manuel Serafim, telef. 2 — ALCOUTIM.

Vai ser construído em Armação de Pêra um hotel com 237 quartos

ARMAÇÃO DE PÊRA — Segundo informações fidedignas, foi julgado de utilidade turística, o novo hotel a construir nesta praia, com 237 quartos. Por imposição da Junta de Turismo, que cedeu o terreno para a construção de tão útil imóvel, o novo edifício que deve ser começado dentro dum ano, é de 2.ª categoria, pelo que vem atenuar a grande falta que se fazia sentir no Algarve de hotéis para as classes remediadas, que constituem a maior percentagem dos turistas que nos visitam.

A firma construtora pensa também construir outro hotel, de luxo (1.ª categoria) entre Armação de Pêra e a Senhora da Rocha, com igual número de quartos. Para o fim em vista entrou já em negociações para a compra de terreno.

Sendo estas construções da mais imperiosa necessidade para o progresso turístico da Província e do País, espera-se das entidades que superintendem a rápida aprovação dos projectos.

Incêndio — Na manhã de domingo declarou-se grande incêndio na padaria da Sociedade Panificadora do Aralgarve, Lda., que alarmou toda a população. Foram chamados os bombeiros de Silves que acorreram prontamente e extinguiram o incêndio evitando que este se alastrasse aos prédios vizinhos. Há precisamente nove meses que na mesma padaria se deu outro incêndio, devido a colocarem a lenha sobre o forno. — Eurico Santos Patrício

Será presidido pelo sr. governador civil do Distrito o sarau de ginástica do Clube Náutico do Guadiana, de Vila Real de Santo António

(Conclusão da 1.ª página)

pela ginástica nas suas variadíssimas facetas.

O programa do sarau é o seguinte:

I parte — I, desfile geral; II, classe infantil (meninos); III, aplicada masculina (saltos de tapete); IV, classe de rapazes (8/11 anos); V, aplicada masculina (paralelas); VI, classe de rapazes (13/16 anos); VII, classe de meninas (13/17 anos); VIII, classe especial de rapazes (Lisboa Ginásio Clube), prof. Reis Pinto.

II parte — IX, aplicada masculina (barra fixa); X, classe especial de senhoras; XI, aplicada masculina (mãos livres); XII, classe especial de meninas (Lisboa Ginásio Clube), prof. Reis Pinto; XIII, aplicada masculina (argolas); XIV, mesa alemã (Lisboa Ginásio Clube) prof. Reis Pinto.

A imperiosa necessidade duma escola técnica em Portimão

(Conclusão da 1.ª página)

tres competentes, mão-de-obra especializada de que o País tanto precisa.

Uma preparação técnica indispensável, tem a virtude de contribuir decisivamente para a valorização do profissionalismo e consequentemente determinar a prosperidade da nação. Sem isto, nos nossos dias, não poderemos usufruir dum durável bem-estar e da mais elementar comodidade.

Portimão é uma laboriosa cidade, importante centro industrial que tem progredido com espantosa rapidez e não deverá continuar por mais tempo privada desta necessidade elementar. Sem ela não poderá dar aos seus naturais uma educação técnica capaz de corresponder às exigências dos novos métodos de trabalho, de molde a produzir mais e melhor.

E não será a suposta falta de alunos que poderá impedir a construção da escola. Os alunos não faltam nunca assim como não falta ao homem de hoje a curiosidade de saber cada vez mais.

TORQUATO DA LUZ



Crema hidratante dá à pele dose de humidade necessária à rehidratação das células. Particularmente indicado para peles sensíveis e alérgicas, pode ser usado de dia e de noite.

AV. DA LIBERDADE, 35-2 RUA ALEX. HERCULANO, 26

A ÚNICA CASA DEDICADA EXCLUSIVAMENTE A MALHAS A METRO



ENVIAM-SE AMOSTRAS PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS

MALHAS JOANINHA — Rua Portas de Sto. Antão, 64
FILIAL — Rua 1.º de Dezembro, 62
XANEL MODAS — Rua do Carmo, 74
TELEFONES 324506 - 631036 LISBOA

ACABA DE RECEBER DA FÁBRICA AIME BABOIN & C.ª DE LYON

GRANDE E VARIADO SORTIDO EM CORES MODERNAS NOVOS TIPOS DE QUALIDADE NOVAS FANTASIAS

COMPLETO SORTIDO EM ASTRALON DRALON ACRIAN ORLON PERLAPON MOUSSE DE NYLON JERSEY EM LÃ E OUTROS TIPOS CRISTAL PIQUETS

3) UM NOVO PARAÍSO DE FÉRIAS

A COSTA SOALHEIRA DE PORTUGAL

(Conclusão da 1.ª página)

partição da Alfândega, que se destina a fiscalizar o tráfico que passa. Mas a rede tem as malhas largas e os funcionários são tolerantes. Quando a vigilância é mais apertada a Província filosoficamente bebe medronho e menos «sherry».

O Algarve é pequeno, contudo não é uma região para ser explorada e observada em dois dias. Poucas das suas estradas vêm no mapa. A principal artéria Norte-Sul de Lisboa, atravessa a serra central até Faro, capital do Algarve, com um movimentado porto; outra estrada corre ao lado do Atlântico, extremo da serra para alcançar Lagos de cujo porto no século XV saíram os descobridores da Madeira e dos Açores. Uma estrada sinuosa, corre ao longo da costa sudoeste, ligando Lagos a Faro e com um farol assinalando o Cabo de S. Vicente a Oeste e a Este a estrada espanhola Huelva-Sevilha. Na mesma estrada há várias outras cidades e vilas de importância para o Algarve, com nomes antigos como: Sagres, Portimão, Tavira, Olhão. Este é o percurso da estrada na maior parte dos mapas. Eles não mostram os ramais costeiros que o levam a praias espectaculares como a Praia da Rocha, Albufeira e Monte Gordo e mais acima na serra lhe oferece as margaridas floridas cobrindo o terreno como nuvens brancas e os passeios nos campos cheios de flores douradas. Nenhum mapa do Algarve mostra os trilhos da floresta e os caminhos de burro. Estes têm que ser encontrados por si próprio. A recompensa está no procurar sem pressa e sem destino onde é que eles ficam. No Verão armadilhas de atum, pesando algumas delas mais de meia tonelada, operam na costa sul de Portugal. São apanhados com redes pesadas e tirados delas à mão. Ir num barco de atum é ser-se testemunha duma tourada marítima — brutal, sangrenta, perigosa. O peixe luta na rede, sangrando-se, porque os homens puxam com um arpão estes monstruosos peixes para bordo. A matança continua durante horas. Um antídoto para este excitação são os montes que ficam atrás de Portimão, as Caldas de Monchique. As Caldas são fendas borbulhantes de água que vem do chão num vale onde fica a vila de Monchique e que é abundante produtora de maçãs, pêras, laranjas, uvas e marmelos. Crescem muitas flores também; castanheiros, mimosas e estranhas flores da Primavera. Há sempre algo florido. Quando o sol de Verão aquece as praias, e, apenas a poucos quilómetros de distância, brisas refrescantes correm nos bosques floridos de Monchique. Aqui você pode descontrair-se num banho quente mineral ou passear debaixo de avenidas sombreadas e cerca de pequenas quedas de água ou cavalgar num burro, ou simplesmente sentar-se debaixo dum sobreiro, aspirando o perfume das flores enquanto bebe as águas da estância. Ferdinand, o Touro, ter-se-ia apaixonado por Monchique. Outros divertimentos do Algarve são: pescar, tostar-se ao Sol, explorar as muitas cavernas e grutas dos rochedos costeiros, ou visitar uma fábrica de conservas. A pesca da sardinha é feita geralmente à noite com barcos que levam redes e que iluminados, quando em conjunto, parecem uma aldeia perdida ao sabor da noite. As redes são puxadas de manhã e quando o peixe é entregue às fábricas os pescadores vão deitar-se. As suas mulheres e filhas trabalham geralmente nas fábricas onde o peixe é fabricado em condições de ser apresentado nos mercados. As fábricas são modernas e eficientes.

A cidade de Silves, na estrada que o leva da costa a Monchique, é digna de ser visitada. Em tempos foi a grande capital mourisca de Xelb. O tempo, tremores de terra, pilhagens e o desleixo mancharam as suas glórias, mas a sua grandiosa cidadela ainda domina a cidade. Ali cerca de 30.000 mouros combateram com sucessivas vagas de cruzados cristãos, até que a cidade caiu por fim, no século XIII. Em 700 anos ela não se tornou completamente portuguesa. Uma sobrevivência semelhante encontra-se em Olhão, e um «muezzin» (sacerdote árabe) chamar para a oração e ficará surpreso ao ouvir falar português e tocar os sinos das igrejas. O Algarve tem passado por outras transições além da árabe para o cristianismo. Em Lagos estiveram os cartagineses 300 anos a. C.; depois deles vieram os romanos que se deliciaram com os banhos quentes de Monchique e antes deles os gregos. Faro significa um farol grego que em tempos brilhou naquele porto. A Espanha dominou o porto no século XVI e o Earl of Essex pilhou-o. Foi desta costa que

D. Henrique, o Navegador, enviou as suas frota que abriram o comércio português para a África e Índia. Antigos viajantes dos quatro cantos do Mundo, seguiram as rotas comerciais algarvias, alguns como os árabes, lá ficaram durante séculos; outros, como os fugitivos dos Invernos da Inglaterra, por umas curtas semanas. Todos deixaram as suas marcas, mas nenhum ainda foi capaz de despertar a Província da sua indolência, de carros puxados por burros. É assunto corrente, em Lisboa, falar-se da grande potencialidade turística que em breve despertará no Algarve: fala-se de concursos de pesca nas águas algarvias, ricas em atum, albacora e bonito; da caça ao pombo, pato, galinha, narcejas, codornizes e lebres, que abundam nos montes e silvados algarvios. Fala-se na construção de um novo casino de jogo, pede-se um campo de «golf», mais e melhores estradas, parques de campismo, restaurantes, cinemas, cabarés e talvez com o tempo, se construa mesmo, um porto para «yachts» que abrigará toda aquela frota luxuosa de prazer, dos famosos ancoradouros do Mediterrâneo. Numa terra onde uma vez um rei tornou a neve cheirosa para agradar à sua rainha, tudo pode acontecer. Por esta altura mais de quinze hotéis foram planejados e construídos ou estão em construção em toda a Província, onde ainda há cinco anos não havia no total meia dúzia. Apesar de todos estes presentes sintomas em potencial, o Algarve, continua a viver na sua lassidão tal como a Riviera francesa estagnava há um século e meio, antes de ter alcançado o seu clima de moda e popularidade. A costa sul de Portugal de hoje, é muito semelhante ao que era a Costa Azul de então: uma terra de aldeias piscatórias, pessoas simples, despreziosas e amigas, praias de areias brancas, flores e um clima soberbo. Tem a mesma configuração de praias, rochas, plano costeiro e montes ondulantes. A Praia da Rocha poderia ser a Canes algarvia, Lagos o seu St. Tropez, Albufeira as suas Antibes, Loulé a sua Grasse, Tavira a sua Veneza, Faro a sua Nice, Monte Gordo o seu Monte Carlo. Bendito seja Allah pelos anos de que é tudo de que o Algarve tem tido, pois que a sofisticação aproxima-se. As suas atrações bem como os seus preços são por enquanto ingénuos. O milagre anual do seu pomar, o burro de olhos vendados tirando água à nora, as luzes dos seus barcos de pesca, brilhando na noite, o balançar das suas flores vermelhas contra os muros caiados de branco; rochedos sobre o mar e praias ribeirinhas e o azul falsando do seu mar azul; o corridinho dançado nas ruas e o duplo florido das amendoeiras em Loulé, a branca medina olhanense, acrobacias exibindo-se no mercado de Portimão. O seu melhor símbolo, os muros de Silves que se defendem dos novos hotéis; o Algarve muda, mas tenta resistir à mudança. Assim e por pouco tempo o Paraíso reconquistado ficará esperando no Paraíso perdido.

ELECTRO GARBO OLHÃO APARTADO 38 TELEFONO 279 Stock permanente de todo o material eléctrico para baixa tensão e material eléctrico doméstico GRANDES DESCONTOS PARA RETALHISTAS E ÓPTIMOS DESCONTOS PARA ELECTRICISTAS

David Dodge

na, tudo pode acontecer. Por esta altura mais de quinze hotéis foram planejados e construídos ou estão em construção em toda a Província, onde ainda há cinco anos não havia no total meia dúzia. Apesar de todos estes presentes sintomas em potencial, o Algarve, continua a viver na sua lassidão tal como a Riviera francesa estagnava há um século e meio, antes de ter alcançado o seu clima de moda e popularidade. A costa sul de Portugal de hoje, é muito semelhante ao que era a Costa Azul de então: uma terra de aldeias piscatórias, pessoas simples, despreziosas e amigas, praias de areias brancas, flores e um clima soberbo. Tem a mesma configuração de praias, rochas, plano costeiro e montes ondulantes. A Praia da Rocha poderia ser a Canes algarvia, Lagos o seu St. Tropez, Albufeira as suas Antibes, Loulé a sua Grasse, Tavira a sua Veneza, Faro a sua Nice, Monte Gordo o seu Monte Carlo. Bendito seja Allah pelos anos de que é tudo de que o Algarve tem tido, pois que a sofisticação aproxima-se. As suas atrações bem como os seus preços são por enquanto ingénuos. O milagre anual do seu pomar, o burro de olhos vendados tirando água à nora, as luzes dos seus barcos de pesca, brilhando na noite, o balançar das suas flores vermelhas contra os muros caiados de branco; rochedos sobre o mar e praias ribeirinhas e o azul falsando do seu mar azul; o corridinho dançado nas ruas e o duplo florido das amendoeiras em Loulé, a branca medina olhanense, acrobacias exibindo-se no mercado de Portimão. O seu melhor símbolo, os muros de Silves que se defendem dos novos hotéis; o Algarve muda, mas tenta resistir à mudança. Assim e por pouco tempo o Paraíso reconquistado ficará esperando no Paraíso perdido.

noticias do CONDE BARÃO

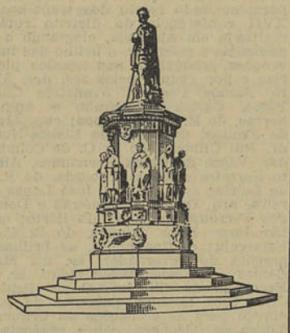
Toda a correspondência deve ser dirigida aos Armazéns do Conde Barão, Largo do Conde Barão, 42-Lisboa-2

Novo catálogo

Sem qualquer compromisso e ainda com a oferta dum belo saco plástico, poderá receber o nosso NOVO CATÁLOGO de artigos e preços para a nova estação, no qual encontrará o que esperava por preços que nem sequer sonhava. Peça-o hoje mesmo, mas não se esqueça de indicar o seu nome e morada completos.

SORTEIO PARA TODOS XVIII - Monumentos de Lisboa

Corte a figura deste monumento, cole-a num postal, indique o nome dele e enderece-a



18 aos ARMAZENS DO CONDE BARÃO até ao próximo dia 1 de Junho. Ficarão deste modo habilitado aos seguintes prémios, que serão atribuídos por sorteio entre todos os concorrentes que responderem acertadamente:

- 1.º - UM MARAVILHOSO JOGO DE CAMA, composto de um lençol e um almofadão, bordado a Nylon, 2,60X1,50, no valor extraordinário de 160\$00, preço muito abaixo do normal; 2.º - UM CALÇÃO DE BANHO, Mousse de riscas, no valor de 65\$00; 3.º - UM JOGO DE MESA, toalha e seis guardanapos, 1,50X1,50, no valor de 40\$00; 4.º - UMA COMBINAÇÃO DE NYLON, com folhos plissados e rendas, no valor de 39\$50; 5.º - UMA BLUSA DE SENHORA, em malha de riscas, no valor de 29\$50. PRÉMIOS ESPECIAIS:

UM CALÇÃO DE BANHO, Mousse liso, no valor de 39\$50. PRÉMIOS DE CONSOLAÇÃO: UM PAR DE MEIAS MOUSSE NYLON, no valor de 7\$50. ATENÇÃO AO SORTEIO N.º 16 - Os resultados deste sorteio serão publicados na próxima semana. A todos os concorrentes apresentamos as nossas desculpas por este atraso imprevisto, mas prometemos compensá-los num próximo sorteio que estamos preparando e que irá ter nada menos de cem prémios. Preparem-se também, pois será em breve!



AVENTAL-MODELO 12\$50

O NOSSO CORREIO



O SUCESSO DAS RIBOLINÉS - Tem sido fantástica a venda das Ribolínés. Tanto quanto tratam-se dum artigo com 0,70 de largo, que vem de m. o. (é quase dado!) ao preço formidável de 550 ca. a metro, possibilita a quem quer que seja vestir-se com lindas cores, fazendo vestidos ou saias ou blusas para a nova época que se aproxima. Escolha nas nossas amostras a cor que preferir, antes que se esgote. BRINDES NAS ENCOMENDAS - Todos os pedidos de artigos que enviamos levam sempre um útil brinde em plástico, seja qual for o valor dos artigos solicitados. ATENÇÃO - ULTRAMAR E ESTRANGEIRO - Continuamos remetendo registos e encomendas postais, desde que pagos adiantadamente em moeda corrente na Metrópole.

PARE AQUI e leia com atenção!

Em tecidos de algodão, sedas, surás, Terlyenes de seda, e muitos outros artigos próprios para vestidos de senhora, estão os A. C. B. convenientemente sortidos para servirem os seus clientes. Peça-nos amostras e encontrará coisas maravilhosas a preços de espantar, tão baixos são! Tudo a PREÇOS DE ARMAZÉM!

SAIAS PLISSADAS Lisas e de Fantasia, garantidas a 95\$00



CRÓNICA DE LUANDA

Luanda, ano de mil novecentos e sessenta e três. Há uma frescura simulada no desenho urbano: o sol ainda não trepou o muro do horizonte. Em todo o caso, é um sol que se anuncia branco, feito de propósito para este céu branco de humidade. E o mar é uma preguiça azul que se resigna no aprisionamento sólido da baía: barcos-gaiotas poissam no espelho. Depois, é o derrame dos prédios cúbicos, cheios de cor, de uma leveza geométrica, na depressão circular que aceita o beijo suave das águas. Nas ruas lavadas pelo amanhecer renasce uma vida toda mecânica, gritada pelos carros que descem o declive do burgo, cantada nas varandas onde se abrem janelas e se movem rostos, refletindo por fim na massa humana que se desintegra em corpos no coração-Mutamba e que povoa de ecos o espaço arquitetural limitado por fachadas de vidro e de redes de cimento. Sol-branco. Sol-quente. O dia explode sobre as águas e os barcos-gaiotas parecem barcos de brincar agitados por uma vida de infância. Uma brisa de mudança sacode provisoriamente os membros flutuantes das meirames alinhadas. A atmosfera rasga-se subitamente num desfraldar de bandeiras coloridas, de passáros resplandecentes, de metais brilhantes, de gente vaga que se agita num vago cosmopolitismo de reconceito da vida. As roucas e lezes, no caso, a Europa é desordenada, o grito da elegância faz-se na dureza de um perpétuo Verão e na suave negligência de um corte que não atraiça este secreto desejo de plenitude, de sol e de mar. Na linha dos subúrbios, com um Sol já a cravar lâminas de metal na terra o continente reencontra a perspectiva da sua natureza incompleta: são os africanos de cor já cercados pelos dados de uma sugestão técnica e social que as gerações aqui implantaram com o decorrer dos séculos. É um conflito que se passa no interior dos corações, que mal se esclarece nas cabeças pejudas de mitos, mas que vai libertar o homem da indolência climática, dos vícios tribais da humidade servil. Do seu orgulho que floresceu, liberta-se um primitivo desejo de imitar; e do simples confronto com os hábitos, na pureza destruída, ele encontra o ritmo das novas urgências. Mas a descoberta do novo Mundo faz-lhe saber que sofreu a foi oprimido no fundo do tempo. Centrando nos gritos da subversão, julga reconhecer a verdade com a sua alma recente, cheia de ardor mas fatalmente ingénuo. E a sua vingança, paradoxalmente, encontra no seu caminho de sangue uma vítima absurda: a inocência. Acentua-se o ritmo: a hora adquire a sua plenitude. Na periferia, onde o horizonte cúbico está adocado pela terra achatada e monótona, um cortejo disperso de carros pesados e ligeiros avança pelo sulco da estrada. Estes camións pesadíssimos, lentos e cheios de força, carregados de produtos que não alimentam em muitos pontos a máquina do interior, são espécie de pioneiros, uma espécie de raça tenaz e obscura que não se recusa a esta batalha estranha, que se conforma em amar provisoriamente e em dormir nas estações do acaso, confundindo no subconsciente as noivas um mundo insólito de estradas lamacentas, de matas sombrias, de sanzalas solitárias, de aldeias dramáticas onde há uma bomba de gasolina e um café para comer um «prego», e onde qualquer ligação efémera pode restaurar, contra o estúpido e vago esperança de significar a vida e destruir o sólido. Penso nisto, com o rosto apontado ao Sol. Penso nisto, com a memória dos homens que se crucificaram nessas aldeias isoladas e aí tiveram filhos e aí construíram a sua realidade e a sua esperança e o seu futuro. Penso nisto, com o espírito de coragem ou de confiança é esta. Os carros passam. Os rostos quietos, brilhantes de suor e de alegria, regressam ao coração da cidade. Contrariamente ao que se quis, esta gente acredita no seu futuro, ou pelo menos vive o imediato com uma extraordinária plenitude dos olhos postos a espasmo colorido, directa, humana, de todos os seus hábitos. Ao vê-la passar, sou inflectado: encomendo um almoço suculento e decido tomar consciência desta imposição visceral. Na fatalidade deste ritmo, a rua está cheia de gente que regressa para uma amnistia legal, são empregados e funcionários de toda a

espécie, grandes e pequenos, pretos e brancos, altos e baixos, e os rostos coloridos e suados que voltam da praia. É estranho, mas o alarme está morto: esta gente vai abrir o chuveiro, molhar o corpo sequioso de frescura, e almoçar com todas as janelas abertas. Duas horas da tarde: hora sem história. Vulturas do Esdrás regressam ao campo militar do Grafanil. As artérias pulsam sem ritmo. A comunidade parece capítular. Os rádio-clubes, como pela manhã, repetem discos gastíssimos, que a teimosia de mau gosto dos associados fez populares e excessivamente actuaes (do sol, o cartaz de «O Comércio» grita: Comissários do 24, ataque aos portugueses da ONU, expulsão dos portugueses de África. «Dírio de Luanda»: Declarações de Ben-Bella, guerrilheiros argelinos para Angola, telegrama de U-Thant aos membros da C. E. A.). É pena: o sol torna estes gritos obscuros. É fantástica tranquilidade das ruas rasgadas em luz não suporta a identificação com os aspectos exigidos pela política internacional, prene, como se sabe, de sentimentos altruístas. O equívoco na subversão contemporânea é já uma realidade absurda e como ficção: uma experiência dura e enfrentar uma urgência de combate que ainda nos mobiliza. Mas há pouco as pessoas foram tomar banho, os soldados no interior suam a firmeza de uma presença, os camionistas suportam a incerteza da estrada, e os homens radicados a milhares de quilómetros do litoral lá se acomodam na vastidão da terra, nessas espantosas aldeias solitárias onde há uma bomba de gasolina e um café para comer um «prego». Há uma verdade ou uma mentira do clima na hora do crepúsculo. O calor é realidade e a sombra é ficção. O céu é líd. A cidade transforma-se numa ficção. A baía adquire uma beleza de cartaz. E as luzes multicores arrazam o horizonte, invadem os olhos, pintam de reflexos absurdos o corpo da multidão que enche as ruas, numa dispersão de cores e como ficção: um virgem, com um povo exclusivo e um futuro privado. Arrasar milhares de cidades, destruir as luzes, fechar as terras, obstruir as estradas, queimar os portos, anular culturas, tradições, linguagens, moeda, e assassinar de uma só vez os africanos brancos, os emigrados aqui radicados a sangue e amor, e os milhares de seres ligados a uma raiz secular de raça, costumes e vontade — é coisa que transcende a técnica do crime, a despeito do avanço de que ela nos dá provas nesta época de mudança e de chocante absurdidade.

ROCHA DE SOUSA

incêndio searas arvoredos colmeias fenos matos lenha palhas pastagens máquinas proteja a sua lavoura com uma apólice agrícola

Câmara Municipal de Olhão ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 12 de Junho próximo, pelas 15 horas, no edifício dos Paços do Concelho, na sala das reuniões da Câmara Municipal, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada da obra de «Construção de novos arruamentos em Olhão — 6.ª fase — Avenida 5 de Outubro entre os pp. 15 e 25».

A base de licitação é de 135.019\$00

O depósito provisório, a efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, mediante guia passada pelo próprio, é de 3.375\$50, sendo o depósito definitivo da importância de 5% da adjudicação.

O programa de concurso, caderno de encargos e o projecto estão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, nos Serviços de Obras desta Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Olhão, 14 de Maio de 1963.

O Presidente da Câmara, DOMINGOS REIS HONRADO

NOVOS RUMOS NA PRODUÇÃO DE AZEITONA DE MESA

(Conclusão da 1.ª página)

vas aumentando estas. O compasso usado de entre as plantas na linha é de 3,5 a 4 m, distanciando-se as linhas de cerca de 5,5 m; por vezes aconselham-se distâncias menores, que não são no entanto recomendáveis no caso da cultura para azeitona, em que, como regra se aproveitam os regadios.

Para se compensar a intensificação cultural, a terra tem que ser convenientemente estrumada e adubada, convindo acentuar que todo o cultivo é esmerado desde a escolha das variedades, e localização em boas e férteis terras de regadio farta e generosamente adubadas até aos amanhos, podas, tratamentos fitossanitários etc.; não obstante, estes gastos elevados, os produtores admitem que o aumento dos lucros obtidos com esta forma de exploração é considerável.

Claro que este sistema não pode ser seguido cegamente, sem que se ponderem bem os «prós» e os «contras». Exige como se disse que lhe sacrificamos boas terras de cultura e cuidados; além disso, a oliveira não frutifica como se sabe da mesma forma que as pomáceas para as quais o sistema está generalizado; a macieira e a pereira possuem esporões e dardos o que reduz a necessidade de crescimento de novos ramos; pelo contrário a oliveira não possui ramos de frutos especializados, não se podendo portanto restringir além de certo limite, a formação de novos ramos, onde posteriormente se irá dar a frutificação.

Mais consentâneo com a «maneira de ser» da espécie, é talvez o sistema de cultivo muito seguido igualmente, em que se procura imprimir à árvore pequena arborescência, ajudando-a por meio da poda adequada a distribuir regular e circularmente a ramagem formando uma copa baixa e equilibrada. As árvores são plantadas em linhas com pequenos intervalos.

Uma modalidade muito interessante deste sistema experimentada em França e Itália com êxito, tendo sido também adoptada em novas plantações intensivas em Israel, é aquilo a que os italianos chamam «vaso espugliato» e que poderemos traduzir grosseiramente por «vaso a partir de moita».

Esta forma difere do verdadeiro vaso pelo seguinte: enquanto neste, os ramos principais se inserem a partir de um fuste com mais de 80 cm. de altura, no outro emergem desde o chão formando moita.

A origem deste processo data do Inverno de 1956, em que temperaturas excepcionalmente baixas causaram severos danos nos olivais, cuja reconstituição foi tentada, pelo decote das árvores.

Passados 3 ou 4 anos, as oliveiras apresentavam-se em vigorosas moitas, cuja produção era muito superior às anteriores. Tentado o sistema em novos olivais, do mesmo modo os resultados foram notáveis, pelo que o sistema começou a generalizar-se rapidamente.

Vejamos como o prof. Morettini (divulgador do sistema) aconselha a formar esta forma de «vaso em moita». Pode-se obter este vaso, plantando em cada cova apenas um único enxerto de 2 a 3 anos. Cortando a haste a 60 cm., deixando-a vegetar durante 3 a 4 anos, sem praticar qualquer outra poda e permitindo deliberadamente que o fuste se revista de ramos laterais, forma-se o referido vaso.

A formação do vaso e o início da frutificação aceleram-se muito, se em vez dum só planta se puser desde logo, um grupo de duas ou três plantas. O custo do estabelecimento do olival é aumentado visto serem necessárias mais plantas, mas os resultados parece compensarem bem este dispêndio inicial. Neste caso as oliveiras não devem ser postas muito afastadas umas das outras a fim de que constituam um verdadeiro vaso com 3 ramos principais.

Em Itália aconselha-se plantar as oliveiras ou grupos de oliveiras em quadrado, com um afastamento de 7 m, sendo esta distância variável claro está com as condições do solo e clima.

Na Tunísia, em zonas áridas usa-se por exemplo 20 m. e em Espanha, na região meridional árida, 10 a 12 m. Em condições normais 6-7 m. parece ser porém o indicado.

Alguns contraventores do sistema apontam como defeito o facto de impedir a mobilização do solo nas faixas junto aos troncos; como as raízes da oliveira se estendem bastante, a mobilização entre as linhas é porém suficiente para favorecer a árvore.

Como entre as linhas ficam faixas aparentemente desaproveitadas, e como o novo olival demora algum tempo a entrar em frutificação, alguns olivicultores não resistem em intercalar outras culturas. Em França, por exemplo usam com frequência a consociação com pessegueiros, mas esta prática é condenável. Devem-se usar sim culturas intercalares nos primeiros anos, mas para enterramento, a fim de favorecer o olival.

Da descrição atrás rapidamente feita o leitor colheu certamente a ideia, de que a tendência na moderna olivicultura é para a cultura intensiva com árvores de pequeno porte e alta produtividade.

Como inconvenientes, o sistema tem o de exigir que se utilizem as boas terras, de preferência de regadio, e que se empregue uma cultura mais esmerada e portanto mais onerosa. Além disso as árvores exploradas por esta forma exigem mais rápida substituição. As vantagens porém parecem ultrapassar altamente os inconvenientes e isso justifica que estes novos métodos estejam a encontrar tanto êxito. Vejamos algumas dessas vantagens:

— Sendo a oliveira de pequena arborescência, estão facilitadas ao máximo diferentes operações como a poda, os tratamentos fitossanitários e a apanha, operação esta que constitui um grave problema e que quando feita deficientemente acarreta tão sérios males.

Duma maneira geral qualquer destas formas exige uma técnica simples de manutenção.

Consegue-se uma frutificação mais precoce, mais abundante, e o que é essencial com frutos de alta qualidade.

O aspecto sanitário é melhorado uma vez que os tratamentos estão muito facilitados.

Sem evidentemente querermos dizer que todos os nossos olivais vão passar a obedecer às novas directrizes parecendo do maior interesse que alguns olivicultores das zonas mais privilegiadas e nomeadamente até nos novos regadios, meditem sobre o assunto e ponderem bem nas possibilidades que pode trazer uma cultura até hoje tão desprezível, mas que no futuro poderá vir a constituir valiosíssimo esteio na nossa economia agrícola.

Vítimas de desastres

Em Vila Real de Santo António, quando seguia de bicicleta para sua casa, caiu da muralha marginal do Guadiana, o sr. José Joaquim Socorro, de 62 anos, casado, estimado construtor naval, o qual sofreu fortes contusões nas costas. Tratado no Hospital Marques de Pombal, seguiu numa ambulância para o Hospital de S. José, em Lisboa, onde faleceu.

— Na Amadora, na montagem de uma fábrica metalúrgica, foi atingido por uma peça que lhe causou a morte, o sr. António Alexandre, de 26 anos, natural da Mina de S. Domingos.

— Por se lhe ter comunicado lume ao berço em que dormia, sofreu queimaduras mortais uma criança filha da sr. Carminda da Conceição Guerreiro, operária conservadora e do sr. José Edmundo Estêvão, residente no Bairro do Lopes, em Brancanes (Olhão).

TINTAS «EXCELSIOR»

A Electro Fabril S. A. R. L.

Avisam-se os srs. Accionistas de que se encontra a pagamento, a partir de 1 de Junho de 1963, em todos os dias úteis, das 14 às 17 horas excepto aos sábados, o dividendo de 1962.

DIVIDENDO ESC. 1\$20 POR ACCÇÃO

Impostos	AO PORTADOR	
	Não registadas	Registadas
S/ aplicação de capitais	\$06	\$06
Sucessório	\$06	\$06
Complementar	\$22,8	—
	\$34,8	\$12

Depois de 30 de Junho de 1963 somente se fará o pagamento às terças-feiras às horas anteriormente mencionadas.

Vila Real de Santo António, Maio de 1963

A DIRECÇÃO

COMUNIDADE ECONÓMICA INTERNACIONAL

O que vulgarmente nos sucede com os géneros alimentícios, não é, infelizmente, caso único no Mundo. É normal ouvirmos dizer que em tal e tal país há escassez disto ou daquilo ou que noutros se procede à inutilização de alguns produtos, por demasiada existência.

No caso da batata, que este ano escasseou, já li que nos anos anteriores houve abundância e foi desperdiçada, assim como sucedeu com o azeite, que foi exportado.

Tal estado de coisas, não só em Portugal como nos outros países, constitui um pesado fardo para os povos que têm de suportá-lo e, ao mesmo tempo, um crime de lesa-Humanidade quando os produtos da terra têm de ser inutilizados, pois toda esta Terra é pertença dos homens, sem distinção de cores ou pátrias, se, como tenho ouvido falar, nós somos todos filhos de Deus e a ele devemos a mercê de existir.

Digo que é um atentado contra a Humanidade, porque, ao mesmo tempo, há povos que não podem dispor de tais mercadorias e outros que só por preços elevadíssimos podem adquiri-las.

Este problema suscitou-me a ideia que a seguir exponho:

— Poderíamos criar uma comunidade económica constituída por algumas nações com quem politicamente fosse possível coexistir, onde se verificassem as mesmas oscilações na sua produção e em diferentes géneros;

— todos os géneros naturais desses países seriam tabelados, tomando por base a moeda mais estável;

— antecipadamente, em cada época, seriam fornecidos dados estatísticos ao organismo central, das hipotéticas colheitas e necessidades ou excedentes de cada povo;

— esse organismo encarregar-se-ia de estudar a distribuição dos excedentes entre os países necessitados, criando uma conta corrente para cada um, a fim

OS ALGARVIOS DE PARIS PRETENDEM CRIAR A CASA DO ALGARVE

PARIS — Nas Portes de Clignancourt, recanto domingueiro dos portugueses, um exemplar do Jornal do Algarve fez despertar os algarvios.

Com certo entusiasmo, ouvia-se aqui e ali: «Eu também sou do Algarve!» Não há dúvida nenhuma que se presentemente existem novos conhecimentos e novas amizades, entre os nossos compatriotas, ao Jornal do Algarve se devem. E como prova de reconhecimento ao jornal e para sua maior divulgação no estrangeiro, voluntariamente alguns se ofereceram para assinantes.

Em cerca de 10 minutos foi preenchida uma folha de papel com nomes e endereços. Entre estes figura o nosso valoroso jogador de luta-livre, Hélder Greiha dos arrabaldes de Faro, que goza de bom nome nos «rings» de Paris.

Depois apareceram iniciativas para maior união; e um deles entusiasmado, sugeriu:

— Por que não havemos de nos agrupar e fundar uma casa, a que chamáramos a Casa do Algarve? Há uma em Lisboa, e teremos que ter outra em Paris! Entre todos nada custa, porque existe já uma boa percentagem de algarvios na capital da França.

A ideia mereceu o apoio de todos nós e já se começou a elaborar um plano para tornar real esta iniciativa de carácter patriótico.

E uma honra ser do Algarve! É uma honra ser português! É uma honra ser do Algarve, porque?

Vamos à história e ela bem nos diz do que nos devemos orgulhar! Aonde é que se formaram os marinheiros, que sob a orientação do Infante D. Henrique foram descobrir novos mundos, tornando maior o nosso Portugal? Em Sagres, uma terra algarvia. De onde partiram num pequeno barco de duas velas latinas, sob a protecção de Nossa Senhora do Rosário, os portugueses que levaram a notícia da expulsão dos franceses ao rei D. João VI, que se encontrava no Brasil!

— De Olhão, no Algarve! Fernando Pessoa, num dos seus poemas, escreve:

«Portugal meu pequeno gigante!» Haveria muito que dizer acerca da significação deste verso... mas por mais palavras que se lhe juntassem estaria plenamente seguro que não se conseguiria dar-lhe expressão mais clara e eloquente.

RAUL J. A. PILOTO (olhanense)

de eliminar a necessidade da troca de dinheiro, motivo que faz com que muitos limitem as suas compras e outros tenham de eliminar as suas existências

— esse organismo poderia, ainda, tratar da compra, venda ou troca de géneros com outros países estrangeiros, quando aconselhável;

— o Estado de cada país financiaria os produtores, o que poderia fazer com que o resultado da venda dos géneros recebidos em troca fosse compensadora.

É natural que ao fim de alguns anos subsistissem saldos avultados; para sua regularização seria previamente combinada uma fórmula e um prazo em cada período; mas creio que neste sistema sempre existiria forma das nações se compensarem mutuamente, devido à variedade de produtos e às frequentes oscilações que sempre nelas se verificam.

Para o bom êxito desta ideia, seria indispensável estudarem-se antecipadamente as nações que nos serviriam para conosco coexistirem economicamente. Pondo de parte a opinião dos economistas, os quais poderão não ver nisto qualquer fundamento, dir-lhes-ei que ela tem, apenas, como principal objectivo a eliminação de problemas, os que temos vivido e sabemos viverem outros povos, não só os subdesenvolvidos, como, também, os da primeira fila do progresso.

Repto que os excedentes queimados ou desperdiçados constituem um grave crime de lesa-Humanidade, sobretudo quando milhões de homens vivem sob o espectro da fome.

Tudo o resto é... paisagem!

Zé

O rendimento do turismo deve ultrapassar este ano os valores das nossas conservas de peixe, das cortiças e dos fios e tecidos de algodão

Num inquérito feito pelos Serviços de Turismo do S. N. I., em 9 do mês passado, foi possível para 40 unidades hoteleiras localizadas no Porto, Coimbra, Lisboa, Estoril e Algarve, apurar os seguintes resultados: em três hotéis de luxo, registou-se um total de 396 hóspedes (34 nacionais e 362 estrangeiros), sendo a percentagem de ocupação de 48,4 por cento; em doze hotéis de 1.ª classe, 1.137 (243 nacionais e 894 estrangeiros), percentagem de 61,2 por cento; em doze hotéis de 2.ª classe, 571 (84 nacionais e 487 estrangeiros), percentagem de 70,3 por cento; em sete hotéis de 3.ª classe, 241 (155 nacionais e 86 estrangeiros), percentagem de 49,4 por cento; em quatro estalagens, 85 (43 nacionais e 42 estrangeiros), percentagem de 88 por cento; em três pensões, 127 (39 nacionais e 88 estrangeiros), percentagem de 77,1 por cento. Totais: 40 unidades hoteleiras, 2.257 hóspedes (598 nacionais e 2.257 estrangeiros) e percentagem de ocupação de 64,73 por cento.

Estes números denunciam o aumento do afluente turístico a Portugal, que tem vindo a verificar-se desde o início do ano e permitem observar que até 28 do passado mês de Fevereiro o acréscimo em relação aos dois primeiros meses do ano anterior foi da ordem de 41,6 por cento.

Em 1961, a receita da rubrica de «Turismo» na balança de pagamentos da zona do escudo, foi de 861 milhares de contos, o que constituiu um considerável acréscimo — o ano anterior fora de 678 —, não obstante algumas condições desfavoráveis registadas naquele ano.

Verifica-se ainda, através dos números apresentados no relatório do Banco de Portugal, referente ao ano findo, que os saldos da rubrica de «Turismo» no primeiro semestre de 1962 (únicos números até agora apurados) atingiram 267 milhares de contos, enquanto que no mesmo período do ano precedente só se atingira 67. Igualmente a receita turística do primeiro semestre de 1962 ascendeu a 555 milhares de contos, contra 278 em igual período de 1961.

De há meio século para cá aparece, agora, nas nossas exportações um «produto» novo que justifica esta especial referência — o turismo. As conservas de peixe, as cortiças e os fios e tecidos de algodão, que movimentam mais de um milhão de contos, serão em breve ultrapassados, talvez mesmo já no corrente ano.

Novos corpos gerentes do Sporting Clube Farense

Foram eleitos os novos corpos gerentes do Sporting Clube Farense, para o exercício de 1963, com a seguinte constituição:

Assembleia geral — presidente, António Lázaro, vice-presidente, cap. João Lopes do Carmo; secretários, João dos Santos Mendonça e Carlos Leonardo Madeira Gomes.

Direcção — presidente, dr. Francisco Uva Sancho; vice-presidentes, dr. Justino Nobre da Silva Ramos, José António Gonçalves Júnior e João Manuel Viagas; secretário-geral, Orlando José Miguel da Silva; vice-secretário, João Inácio Calapez da Costa; tesoureiro, José Martins Teixeira; vice-tesoureiro, Humberto Mendes de Sousa; vogais, João do Nascimento Amaro, João Rodrigues Lázaro e José Bento Ferreira; suplentes, José Ramos e António Dias Rodrigues.

Conselho de fiscalização, contencioso e sindicância — presidente, eng. João Luís Ollas Maldonado; vice-presidente, Amílcar Nepomuceno Aleixo Fazenda; relator, Julião Inácio Elias Pestana; secretários, João Afonso Henriques e Sérgio Adriano Gonçalves Madeira; suplentes, António Modesto Varela e Rogério Filipe do Rosário Camões.

Levantamentos topográficos das praias de Burgau e Salema

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu através do Fundo de Desemprego, à Câmara Municipal de Vila do Bispo as participações de 9.250\$000 e 7.500\$000, para levantamento das plantas topográficas das praias de Burgau e Salema.

PORTO E BRANDY

KOPKE

Há mais de 300 ANOS



AGENTES-DEPOSITARIOS

Oliveira e Torroes, Lda.

RUA DO SALITRE, 123

TELEFONES * 54614 * 57851

LISBOA

FÉRIAS NO ALGARVE

Em magníficos apartamentos

RESTAURANTE-BAR, a abrir a 9 de Junho, com Serviço à Lista

Peça informações a:

RESIDÊNCIAS BOA-VISTA

End. Teleg: ALBUVISTA-ALBUFEIRA-Telefs. 175-183 PPC

Mais considerações sobre o turismo em Quarteira

Voltamos de novo às nossas anteriores considerações sobre o fomento do turismo na praia de Quarteira, agora em franco progresso, com a sua Pensão Residencial Triângulo, considerada de luxo nas acomodações dos seus 36 quartos, embora se verifiquem alguns senões na urbanidade com que se atende quem a procura.

Um propósito não podemos deixar de comentar os números que nos foram fornecidos pela Escola Hoteleira de Lisboa, acerca da sua frequência por parte dos algarvios. De entre os 500 alunos

que já a frequentaram desde Dezembro de 1958, data em que foi inaugurada, somente 19 eram algarvios, ou sejam 3,8 por cento do total e segundo o secretário da própria escola o nível de serviço dos hotéis do Algarve deixa bastante a desejar.

Por que é preciso dizer claro e bem alto aos algarvios estas verdadeiras comenizas:

a) Não é desprezo para ninguém servir na indústria hoteleira e que falem a este respeito os suíços, que são mestres em todos os aspectos desta tão florescente indústria do seu país.

b) Não é indiferente servir alguém, quer seja do clero, da nobreza ou do povo, com a mão direita ou com a esquerda...

O outro problema fundamental do progresso do turismo em Quarteira é a higiene das habitações em geral e a urbanização e higiene das suas ruas. É preciso que a Câmara Municipal de Loulé, seguindo aliás, o exemplo de Vila Real de Santo António, em 1958-59, faça aprovar a postura municipal que impede o aluguer de qualquer habitação sem a vistoria prévia dos Serviços de Salubridade.

Por isto, resultaram para Monte Gordo muitos benefícios, não só sob o aspecto sanitário para os inquilinos, como para os próprios senhorios, que passaram a auferir rendas bastante superiores nas casas que alugaram.

De resto o sistema utilizado pela Câmara da Vila Pombalina foi executado em anos sucessivos, o que não causou quaisquer transtornos aos senhorios.

Para esclarecer o leitor medroso, devemos informá-lo que, uma fossa séptica fabricada, de fibrocimento, custa a módica quantia de 500\$000, para fogos de 5 pessoas e 920\$000, para 10 pessoas, e em pouco mais se cifram as despesas de instalação deste tão necessário meio de combate às moscas, mosquitos e outros insectos tão prejudiciais à saúde e ao bem-estar dos veraneantes de Quarteira.

QUARTIRENSE

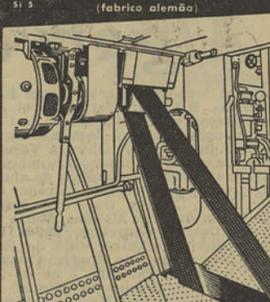
N. da R. — Acerca da possibilidade de construção da rede de esgotos em Quarteira que se disse não se poder fazer sem haver o plano de urbanização respectivo, devemos informar que temos presente um ofício do sr. director dos Serviços de Melhoramentos Urbanos em que se diz: «que o antepiano de urbanização de Quarteira foi elaborado nestes Serviços, tendo sido enviado um exemplar à Câmara Municipal de Loulé em 8-8-1962 que emitiu, bem como o Conselho Municipal, parecer favorável. Nada obsta, por isso, a que se elabore o projecto da sede geral de esgotos de Quarteira».

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

...porque se emprega mesmo na Construção Naval...

Correia SIEGLING

(fabrico alemão)



A correia SIEGLING é composta de cauro autêntico e plástico.

Da associação destes dois materiais, potente SIEGLING, resulta a correia de uma só faixa tracionada.

- Oferece máxima segurança
- Exige mínimo espaço entre eixos
- Não é afectada por óleos ou água salgada
- Dispensa rolete tensor
- Conserva a sua elevada aderência
- Vulcaniza-se, sem fim, também no local de funcionamento
- Marcha silenciosamente

— Peça os nossos prospectos ilustrados

— Solicite o visto dum nosso técnico.

Representante exclusivo para o Império:

Eng.º GUSTAVO CUDELL

PORTO: Rua do Bolhão, 157-161

LISBOA 1: R. Passos Manuel, 69-A

ACEITAM-SE AGENTES

CHOCADÉIRAS «PAL»

(FABRICO FRANCÉS)

Eléctricas, petróleo e mistas. 50 a 20.000 ovos. Máximo rendimento. Acabamento esmerado. Preços mais baixos do mercado.

Telex. 321241/325085 H. BRAAMCAMP SOBRAL, LDA. Pr. do Município, 19-2.- LISBOA-2

PINTOS DO DIA

Importação da América, Holanda e Dinamarca durante todo o ano

Para engorda: White Cornish, White Rock, etc. «Híbridos» para carne

Para ovos: White Toghorn, Rhode Island, New Hampshire, etc. «Híbridos» para postura

Frigorífico «Bosch»

Vende-se, modelo 1961, estado impecável, 240 litros de capacidade.

Nesta Redacção se informa (3151).

ALFARROBA

Instalação completa para trituração de alfarrobas, com respectivas noras, veios de transmissão, chumaceiras, tudo completamente novo, vende

Armindo Henrique Estêvão Guita

Rua General Trindade, 42 — Telefone 460 — FARO

FUMANDO SUERDIECK

FUMA O MELHOR CHARUTO



À VENDA NAS BOAS CASAS

Rep. R. S. CONTRERAS, LDA.

Rua do Telhal, 4-B

LISBOA

TELEFS. 369584-369587-33400

JOSÉ COELHO PINTO

PROPRIEDADES E COLOCAÇÃO DE CAPITALS

LISBOA — Rua Castilho, 233, 3.º — Telef. 65 16 09 - 65 15 89 - 65 17 86

PORTO — Praça do Município, 287, 3.º — Telef. 8 49 88

ALMADA — Praça da Renovação, 10, 2.º-Esq. — Telef. 27 46 18 - 27 47 16

CASCAIS — Rua Dr.º Iracema Doyle, 11, 1.º-Dt.º — Telef. 28 20 84 - 28 09 12

QUELUZ — Rua Conde Almeida Araújo, 70, 1.º-Dt.º — Telef. 951808-951778

PORTIMAO — Praça Visconde Bivar, 8, 1.º-Dt.º — Telef. 5 4 0

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

BALANÇO DO EXERCÍCIO DE 1962 E EXTRACTO DO RELATÓRIO

Balanço em 31 de Dezembro de 1962

ACTIVO

DISPONIVEL E REALIZAVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	487.718.683\$11		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	58.922.812\$67		
Promissórias de Fomento Nacional	25.000.000\$00	571.641.495\$78	
Correspondentes no Estrangeiro	206.282.175\$26		
Ouro, Moedas e Notas Diversas	4.003.855\$45		
Carteira de Títulos e Cupões	123.376.303\$00		
Carteira Comercial	2.064.896.334\$79		
Letras s/ o Estrangeiro	62.380\$00		
Correspondentes no País	6.381.196\$64		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	111.511.580\$73		
Devedores e Credores	117.250.749\$85	2.633.764.575\$72	3.205.406.071\$50
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		1.885.000\$00	
Imóveis	20.206.290\$40		
Amortizações (a deduzir)	1.913.983\$36	18.292.307\$04	
Imobilizações Diversas		720.200\$00	20.897.507\$04
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Dividendos Antecipados	2.400.000\$00		
Contas Diversas	827.459.272\$72	829.859.272\$72	
		4.056.162.851\$26	
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia	1.027.845.361\$74		
Valores Recebidos em Caução	945.318.612\$31		
Devedores por Garantias e Avals Prestados	608.404.103\$40		
Devedores por Aceites	510.617.358\$95		
Devedores por Créditos Abertos	69.094.252\$46	1.188.115.714\$81	
Outras Contas de Ordem		466.060.630\$72	3.627.340.319\$58
		7.683.503.170\$84	

PASSIVO

EXIGIVEL			
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	1.476.350.986\$30		
Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	2.983.301\$16		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	1.262.332.964\$75	2.741.667.252\$21	
Cheques e Ordens a Pagar	32.511.905\$33		
Exigibilidades Diversas	4.318.552\$10		
Correspondentes no País	1.191.402\$65		
Correspondentes no Estrangeiro	67.680\$20		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	12.003.861\$93		
Devedores e Credores	113.006.630\$02	163.100.032\$23	2.904.767.284\$44
NAO EXIGIVEL			
Contas Diversas e Provisões			952.416.707\$33
CAPITAL E RESERVAS			
Capital	90.000.000\$00		
Fundo de Reserva Legal	85.000.000\$00		175.000.000\$00
RESULTADOS			
Lucros e Perdas:			
Resultados do exercício			23.978.859\$49
			4.056.162.851\$26
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia	1.027.845.361\$74		
Credores por Valores Recebidos em Caução	945.318.612\$31		
Garantias e Avals Prestados	608.404.103\$40		
Aceites	510.617.358\$95		
Créditos Abertos	69.094.252\$46	1.188.115.714\$81	
Outras Contas de Ordem		466.060.630\$72	3.627.340.319\$58
		7.683.503.170\$84	

Contas de Lucros e Perdas

RECEITAS

Juros e comissões a nosso favor	113.387.427\$12
Resultados em operações cambiais e sobre títulos	9.147.218\$66
Rendimento de títulos de crédito	3.764.929\$01
Outros rendimentos, receitas e lucros	2.400.735\$97
	128.700.360\$76

ENCARGOS

Juros e comissões a nosso cargo	42.658.109\$54
Contribuições e impostos	2.202.891\$90
Despesas com o pessoal	37.703.384\$52
Despesas gerais	5.359.080\$88
Encargos diversos	60.912\$80
Provisões e amortizações	16.737.121\$63
	104.721.501\$27
Saldo	23.978.859\$49
	128.700.360\$76

Extracto do Relatório

A conta de lucros e perdas atingiu Esc. 23 978 859\$49, depois de deduzidas as amortizações e provisões.
Temos a honra de propor que ao referido resultado seja dada a seguinte aplicação:

Dividendo, incluindo o já distribuído por conta Esc. 4 500 000\$00
Fundo de Reserva Legal Esc. 15 000 000\$00
A Assembleia deliberará ainda sobre o destino do saldo restante.

O CHEFE DA CONTABILIDADE

António Campos Vieira

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Barbosa
Fernão Manuel de Ornellas Gonçalves
Bernardo Viana Machado Mendes de Almeida (Conde de Caria)
Eduardo Furtado
Manuel Joaquim de Barros Leite

Ensino no Algarve

Liceal

No Liceu de Faro encontram-se vagos um lugar do 3.º grupo e dois do 9.º grupo e no Liceu de Portimão, dois do 3.º grupo e dois do 9.º.

Foi exonerado do cargo de auxiliar das instalações de física do Liceu de Faro, o sr. José Cristiano, contínuo de 1.ª classe e nomeado para o substituir o sr. João da Conceição Ramos, servente do quadro do pessoal menor do mesmo liceu.

Técnico

Foram nomeados, na Escola Industrial e Comercial de Faro, directora do ciclo preparatório, a sr.ª dr.ª Ilda Belo Carmona; director interino dos cursos industriais o sr. eng. Manuel do Nascimento Costa e auxiliar de trabalhos manuais a sr.ª D. Clementina dos Santos Relvas Charrão.

Também foram nomeados, na Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António, professor eventual de Noções de Higiene e Enfermagem, o sr. dr. Raul Folgue de Brito e professores provisórios, os srs. António Pires Guerreiro Nicolau, 2.º grupo, 1.º grau, eng. António Manuel Gomes Barroso e agente técnico de engenharia Fernando Manuel de Araújo Pinheiro de Azevedo, 2.º grupo, 2.º grau, agente técnica de engenharia D. Maria Isabel Gonçalves Pacheco e D. Maria Margarida Rodrigues Prazeres, 4.º grupo, 1.º grau, agente técnica de engenharia D. Luna Maria Coelho do Nascimento de Sousa Arrais, 4.º grupo, 2.º grau, D. Maria Antónia Roque Pires, D. Maria do Carmo Soeiro Jerónimo, D. Maria Luísa dos Santos Borralho, 5.º grupo, 1.º grau, D. Maria Emília da Cunha e Sá, 8.º grupo, 2.º grau, D. Fernanda Cavaco dos Santos, D. Maria Isabel Domingos Mateus da Silva, 11.º grupo, 1.º grau, e em comissão de serviço, o contramestre de serralharia, sr. Fernando Guerreiro Mendonça.

Por conveniência de serviço foram nomeados na Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António, mestres de serviço eventual, as sr.ªs D. Elsa Maria Reis Sena, de formação feminina; D. Maria Antónia Roque Pires, de trabalhos manuais e o sr. Manuel Bernardino de Jesus Pereira, de grafias.

Primário

Encontram-se vagos o 2.º lugar masculino da escola n.º 1, de Faro; o 1.º de Lagoa e 2.º da escola n.º 1 de Monte Gordo, Vila Real de Santo António; femininos de Bensafim, Lagos e 5.º de Silves e mistos de Ameixial, Loulé.

Encontram-se vagos os postos escolares de Palmeira, Alcoutim; Revezas (Ameixial, Loulé) e Abitueira (Marmeleiro, Monchique).

Foram nomeadas e colocadas em postos escolares as regentes sr.ªs D. Maria Guilhermina Belchior, Monte Rivo (Odiáxere, Lagos) e D. Maria de Jesus Correia Lucas, Monte de Cima (Mexilhoeira Grande, Portimão).

Foi concedido aumento por diuturnidade, aos professores sr.ªs D. Maria Arsenia Gil, Olhão; D. Maria Helena de Mendonça Neves, Marim, Olhão; D. Maria Gago Pontes Valação, Patacão, Faro; D. Maria Madalena Ferreira Ribeiro, Moncarapacho, Olhão e sr. José Armando dos Reis, Olhão.

Na escola do Magistério de Faro, foram concedidas bolsas de estudo, aos seguintes alunos:
Bolsas de estudo: 1.º ano: Ana Ma-

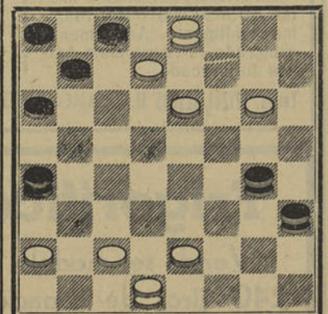
ria Rocha Mendes e Maria Teresa Rosa de Novais, 2.º ano; Maria Isabel dos Santos Gregório, Eulália Maria da Conceição Jorge, Isaura Zacarias Nunes Soares, Rosa Maria de Oliveira Velasco, Maria Madalena Guerreiro Chumbinho. Tiveram isenção de propinas os alunos do 1.º ano: Hugo Reinaldo Salvador Cavaco, Maria Dulcina Guerreiro Melão, Dilar Maria da Cruz Messias, Maria Almerinda Cabrita Guerreiro, Maria Engrácia Valério Carvalho, José da Silva Nunes, Maria Odete do Rosário Campos, Maria Antonieta Claudina e os do 2.º: Custódia Maria Mendes dos Santos, José Bartilho da Palma, Maria de Lurdes Calado Sequeira, Maria Celeste Emídio de Brito, Elisa Maria do Espírito Santo Pedreirinho, Elsa da Conceição Fernandes Andrade, Herminia da Graça Agostinho Antão, Maria de Lurdes Silva Luis, Maria Madalena Viegas Gonçalves, Maria José Pacheco Arenga.

Estão a concurso o 1.º lugar masculino da sede do concelho de Lagoa e o 2.º da escola n.º 1 de Monte Gordo, Vila Real de Santo António; os femininos de Bensafim, Lagos e 5.º de Silves; e o misto de Ameixial, Loulé.

Café em Tavira TRESPASSA-SE
Nesta Redacção se informa (3112).



200
Coordenador: Artur de Matos Marques
Correspondência: Escola Masculina — ALMADA
Proposição inédita n.º 319
por Fernando Augusto Bernardo — Lavradio
Br. 7 p. 1 d. — Pr. 4 p. 3 d.



Jogam as brancas e ganham
Posição: Br. 3-6-7-8-21-22-27-(30)
Pr. (9)-(13)-(16)24-28-31-32



O BOM CORTE COMEÇA NA ESCOLHA DE TECIDOS



Padrões modernos e clássicos, sóbrios e elegantes, os tecidos Acrilan de grande leveza, não enrugam, sendo ideais para a confecção de fatos de homem de verão e meia-estação, casacos de sport e calças

Inaugurado em Lisboa o edifício Roma

Na Avenida de Roma, em Lisboa, foi inaugurado o majestoso edifício Roma. Sem dúvida um dos melhores da capital e o que reúne as mais modernas condições funcionais e de comodidade.

A inauguração assistiu elevado número de convidados entre os quais um representante do chefe do distrito, que foram recebidos com a mais franca cordialidade pelos srs. Alípio Antero, director-geral de A Confidente e administrador-geral de Nobre Empreendimentos Imobiliários, Lda., seu filho sr. Alípio Antero Júnior, ambos com suas esposas; João Antero e Fernando Antero e eng. Vitor Hugo e arquiteto Manuel Fernandes Lima.

Aos convidados foi servido no salão de festas do grande imóvel um lanche durante o qual tanto o sr. Alípio Antero como os seus colaboradores foram felicitados pela arrojada iniciativa.

JORNAL DO ALGARVE
N.º 321 — 18-5-1963

TRIBUNAL JUDICIAL Comarca de Lagos ANÚNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que pela secção central deste Tribunal e nos autos de Execução por Custas que o Ministério Público nesta comarca move contra António Afonso Gambôa, solteiro, maior, trabalhador, morador no povo e freguesia de Odiáxere, desta comarca, por apenso ao Inventário entre Maiores por óbito de Ana Felismina e marido, correm éditos de VINTE DIAS, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste, citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de DEZ DIAS, após os éditos, virem à dita execução deduzir os seus direitos, nos termos do art.º 864.º do Cód. Proc. Civil.

Lagos, 29 de Abril de 1963.

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,
Ricardo António da Velha
O Chefe da Secretaria,
José António Marques Pacheco



Nos momentos em que ela dá mais valor ao seu encanto, ela sabe que pode sorrir confiante na brancura dos seus dentes! Pepsodent assegura-lhe a perfeita brancura dos dentes devido ao Írium, a substância que liberta completamente os dentes da película amarela que os escurece.



**TORNA OS DENTES
REALMENTE BRANCOS**



Dentes realmente brancos
só com Pepsodent



em qualquer
sector
da vida há
um BEM a
segurar

COMPANHIA DE SEGUROS

MUTUALIDADE

S. A. R. L.

Seguros de acidentes de trabalho, pessoais, incêndio, viagens, agrícola e pecuária, automóvel, marítimo, terrestres, cristais e outros

LISBOA-R. 1.º DE DEZEMBRO, 101 TELE. 32 53 63 • PORTO-R. SÁ DA BANDEIRA, 52, 1.º TELE. 215 88

SEGURO NA MUTUALIDADE FICA BEM SEGURO

GRANDES DESCONTOS

EM FAZENDAS DE PURA Lã
NOVIDADES PARA HOMEM E SENHORA
Peça amostras a
MONTESTRELA, LDA.
APARTADO 138 COVILHã

Marreiros & Formosinho, Lda

Certifico que, por escritura de 14 de Março de 1963, exarada de fls. 96 a fls. 98 v. do livro B 28, de notas para escrituras diversas, do Cartório Notarial de Portimão a meu cargo, foi constituída entre os srs. José Queirós Correia Marreiros e Júlio Bento de Albuquerque Abranches Formosinho, uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º A sociedade adopta a firma «MARREIROS & FORMOSINHO, LIMITADA», tem a sua sede em Lagos, na Rua Marquês de Pombal, número trinta e quatro, podendo o sócio José Queirós Correia Marreiros, sempre que o julgue conveniente, transferi-la para outro local.

2.º A sua duração é por tempo indeterminado, e a sua actividade inicia-se hoje.

3.º O seu objecto é o exercício da indústria de exploração de estação de serviço, de veículos automóveis e o comércio de peças e produtos inerentes a essa exploração.

§ único A sociedade pode passar a exercer qualquer outro ramo de indústria ou comércio que os sócios, em assembleia geral decidam explorar.

4.º O capital social é de setenta mil escudos em dinheiro, já integralmente realizado, e corresponde à soma de cotas iguais de trinta e cinco mil escudos, de cada sócio.

5.º São exigíveis prestações suplementares, além das necessárias para integração das cotas, e em proporção das mesmas.

6.º A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbem aos dois sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução.

§ primeiro É necessária a assinatura dos dois sócios, para obrigar a sociedade.

§ segundo Desde já fica atribuída a cada sócio a remuneração mensal de mil escudos.

§ terceiro A sociedade não poderá em caso algum ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor, ou quaisquer actos estranhos ao objecto social, o que constituirá sempre, o sócio que os praticar, em responsabilidade pessoal para com a sociedade e para com terceiros.

7.º A cessão de cotas, no todo ou em parte, entre os sócios, é livre. Na cessão de cotas a estranhos, a sociedade em primeiro lugar e os sócios em segundo lugar, têm sempre o direito de preferência.

§ único Para os efeitos deste artigo, o sócio que pretender ceder a sua cota a estranhos, avisará a sociedade, e cada um dos sócios restantes, por meio de carta registada. A sociedade e os sócios, têm o prazo de oito dias, a contar da recepção da carta registada, para comunicarem por idêntico meio que em relação à cessão exercem os direitos, consignados no corpo deste artigo.

8.º A sociedade poderá amortizar uma cota, quando sobre ela haja sido feita penhora ou arresto, ou quando por qualquer motivo deva proceder-se à sua arrematação ou venda judicial.

§ único O preço da amortização será o correspondente ao valor nominal da cota, acrescido de parte correspondente nas reservas legais constituídas.

9.º Desde já fica autorizada a divisão de cotas para cessão de parte a favor de um associado e por herdeiros de sócios.

10.º As assembleias gerais, quando necessárias, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência de, pelo menos, cinco dias.

11.º Os anos sociais são os anos civis e o balanço deverá ser aprovado

e assinado, até ao fim do mês de Fevereiro do ano seguinte.

12.º

A sociedade dissolve-se nos casos legais, procedendo-se, em seguida, à liquidação e partilha, pela forma que os sócios deliberarem.

Está conforme.

Cartório Notarial de Portimão, aos quinze de Março de mil novecentos e sessenta e três.

A Notária,

Mariana Carapeto dos Santos

Marreiros, Cainço & Formosinho, Lda.

Certifico que de folhas 15 a fls. 17, do livro de notas para escrituras diversas, do Cartório Notarial a meu cargo, número 30-B se acha uma escritura lavrada em 9 do corrente mês e ano, pela qual foi reforçado o capital social da sociedade comercial por cotas com sede em Lagos, na Rua Marquês de Pombal, n.º 34 que girava sob a firma «Marreiros & Formosinho, Lda.», sendo substituída pela da epígrafe, cujo capital social, inteiramente realizado era de 70.000\$ passando a 600.000\$00, integralmente realizado, sendo subscrito não só pelos sócios de origem José Queirós Correia Marreiros e Júlio Bento de Albuquerque Abranches Formosinho, como pelos dois novos sócios admitidos, Francisco Dentes Cainço e Anselmo Barata Dentes Cainço, passando os artigos primeiro, quarto e sexto e seus parágrafos primeiro e segundo a terem a seguinte redacção:

Artigo 1.º

A sociedade adopta a firma «Marreiros, Cainço & Formosinho, Limitada», tem a sua sede em Lagos, na Rua Marquês de Pombal, número trinta e quatro, podendo o sócio José Queirós Correia Marreiros, sempre que o julgue conveniente, transferi-la para outro local.

Artigo 4.º

O capital social é de seiscentos mil escudos, integralmente realizado, e corresponde à soma de cotas iguais dos sócios, que são de cento e cinquenta mil escudos, cada uma.

Artigo 6.º

A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbem a todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução.

§ primeiro

É necessária a assinatura de dois sócios para obrigar a sociedade, sendo uma delas sempre a do sócio José Queirós Correia Marreiros.

§ segundo

Desde já fica atribuída a cada sócio, a remuneração mensal de mil escudos.

Está conforme.

Portimão e Cartório Notarial, aos 10 de Maio de 1963.

A Notária,

Mariana Carapeto dos Santos

CASA

em Vila Real de Santo António

Vende-se uma casa com 6 divisões e quintal, na Rua Ministro Duarte Pacheco, n.º 8. Tratar com António Correia Dourado, Pastelaria Ideal — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO.

DE LAGOS

Impõe-se facilitar a vida das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo

Não restam dúvidas a quem quer que seja que as únicas instituições de crédito que no País servem os pequenos lavradores são as Caixas de Crédito Agrícola Mútuo.

A situação destas, porém, não é, em meios como Lagos, tão desafiadora como seria para desejar, porque o volume de empréstimos dependendo do cadastro social, não atinge muitas vezes o necessário para satisfazer os pequenos lavradores, e isto porque o grande lavrador raras vezes se incomoda em cadastrar os seus bens para auxiliar os mais fracos. Acresce que por determinações recentes pretende-se dar às C. C. A. M. o carácter de instituições bancárias e como tal sujeitá-las a descontos para as caixas de previdência, como os bancos, que nem sempre servem os pequenos quer sejam lavradores, comerciantes ou industriais. Dos bancos, como apresentam de momento as suas operações, com amortizações trimestrais de 25 por cento, não se pode esperar grande coisa a favor da lavroua, a maior fonte de riqueza do nosso País, e então que nos seja dado ver aboilda a recente medida de um novo encargo, porque, aumentados os encargos aumentaram as dificuldades dos pequenos lavradores que são, na verdade, o sustentáculo da produção agrícola.

Por que não alargar determinado peso de forma a varizar o futuro «snack-bar»? Dado que o futuro de Lagos está no turismo, não se compreende que o Município não patrocine quanto tenda a desenvolver tal actividade.

Desde há muito que se falava num «snack-bar» junto à Secção de Turismo, onde existe um pequeno largo indicado para tudo menos para parque de estacionamento de automóveis. Parece, porém, que o Município entende que o parque de estacionamento deve continuar ali, prejudicando a estética do local e as manobras dos carros pesados que tenham de entrar na Rua Marreiros Neto, via obrigada de acesso a toda a viação que uma vez na cidade deseje utilizar a estrada Lagos-Sagres sem voltar à Avenida.

Só assim encontramos explicação para que o projecto depois de sujeito a alterações tenha sido aprovado na parte interior do bar em causa, rejeitando-se na parte exterior que previa alargamento do passeio sem prejuizo do trânsito ou da estética, proporcionando beleza e desafio ao local, pois uma vez inaugurado o bar, não é de tolerar a permanência de automóveis no pequeno largo, o que agora se registou ter por força das circunstâncias de vir a ser aprovado com reparos desfavoráveis aos que se pronunciaram pela negativa.

Sabemos que os proprietários do estabelecimento em causa, não desejam publicidade sobre o assunto, mas a opinião pública, que defendemos, agora reforçada por funcionário competente do S. N. I. que visitou as obras em curso, é de molde a que apelemos para o deferimento da pretensão, que uma vez atendida satisfaria, estamos convencidos, gregos e troianos.

Lagos desperta para o turismo — A firma Marreiros, Cainço & Formosinho, Lda., recentemente constituída dá-nos esperanças de vermos Lagos dentro em breve a realizar construções semelhantes às que se vão alargando pelo Mundo fora, especialmente em centros turísticos onde a falta de alojamentos é notória.

As moradias pré-fabricadas que em poucos dias ficam em condições de habitabilidade, fazem inveja a algumas que levam meses e até anos a construir. Tudo é alegre e confortável como tivemos ocasião de constatar nas duas moradias em exposição na praça Gil Eanes montadas em menos de 8 dias. Ficámos com a impressão de que estas moradias vão contribuir para que a Operação Algarve-Turismo seja um facto.

Até agora são de louvar as entidades locais pelas facilidades dispensadas aos realizadores de tal obra, esperando que continuem, para que Lagos na próxima

época balnear já possa mostrar que tem alguém que se interessa pelos seus problemas. Sabemos de projectos tentadores, mas porque em Lagos nem sempre se consegue triunfar no sentido do bem colectivo, limitamo-nos por ora a fazer votos de que se convertam em realidade para então dizermos do nosso regozijo.

O Rancho Infantil em Lisboa — Desde ontem que se encontra em Lisboa, de visita a três escolas técnicas e duas industriais o Rancho Infantil do Centro de Assistência de Nossa Senhora do Carmo. Amanhã actuará na R. T. P. constando-se que regressa no dia 22, depois de ter mostrado que em Lagos ainda há folclore que, quando vivido por crianças se grava com mais facilidade nos que têm ocasião de o apreciar.

Gesto de louvor — Sotero Mendes Pinto acaba de mostrar aos lacobrigenses o caminho que dignifica, pois a oferta de 1.000 m², para construção de uma escola no Pincho, feita em referência a pedida de cotas de venda, da Câmara Municipal, é digna de registo e louvor.

Para onde vai a mocidade? — A mocidade de hoje, caminhando sem rumo, está preocupando todos os que se interessam pelo progresso social, e visto que na juventude de hoje estão os homens e mulheres que amanhã não conduzir os destinos da nação.

Recentemente o Compadre Alentejano, que através dos emissores de Rádio Clube Português vem dando lições de civismo e solidariedade, que meditadas fossem poderiam contribuir muito para o progresso social que se impõe, disse que os rapazes deveriam estudar em vez de perseguirem em plena capital os inofensivos pardais e gatos. Nós, infelizmente, temos de acrescentar que em Lagos grupos de jovens há que vão mais além desrespeitando em público novos e velhos e até imagens, como não há muito aconteceu perante a que existe no nicho de S. Gonçalo de Lagos.

A propósito dos gestos impróprios que algumas mães notaram, ouvimos uma dizer: «Os meus filhos também andaram na Escola Industrial mas graças a Deus nunca fizeram estas figuras».

Cremos ter referido o suficiente para que professores, pais e autoridades inclusive a G. N. R. colaborem de mãos dadas para que estes abusos cessem, pois que além de novos envergonharem, podem ser copiados por aqueles que ainda não estão viciados no desrespeito pelas pessoas e pelas coisas, e então, vermos a mocidade irremediavelmente perdida.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Esquentadores

ESTA FAMOSA MARCA
ALEMÃ QUER DIZER:

JUNKERS

ÁGUA QUENTE
PARA TODA A GENTE,
RÁPIDA E BARATA



A GÁS LÍQUIDO
(BUTANO OU PROPANO) DESDE 1.850\$00

Junkers

Garante:

- Óptimo funcionamento à pressão normal ou com pequenos depósitos a 1 metro.
- Economia resultante dos seus queimadores especiais.
- Impossibilidade de explosão devido aos seus dispositivos de segurança.

EXIJA O SELO DE GARANTIA DOS



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

SILVEIRA & SILVA, LDA.
RUA DA CONCEIÇÃO, 17-2.º - LISBOA - TELEF. 327475

A VENDA:
**Nos Agentes das Companhias
Distribuidoras de Gás**

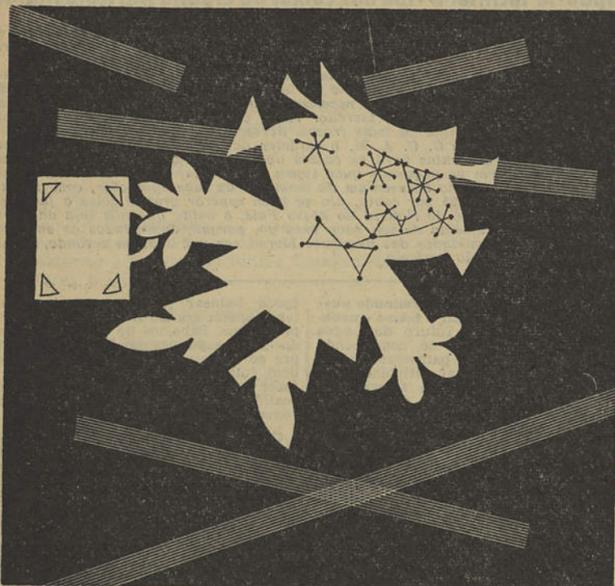
**FIOS TRICOT
A. NETO RAPOSO
(FABRICANTES)**

O maior sortido em cores e qualidades a preço de fábrica. Austrália desde 100\$00, perlapont 180\$00, escocesa, inglesa, ro-bilon, florescente, mohair, fogo de artifício; lãlita; fãbiola; rãfia; etc. Não receamos confrontos, nem em qualidades nem preços. Consulte-nos hoje e ficará cliente.

Praça dos Restauradores, 13-1.º, Dto. — LISBOA — Telefone 326501

Enviaremos amostras grátis e encomendas à cobrança

TODOS TÊM PRÉMIOS



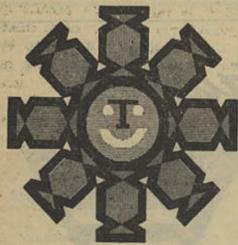
PARIS · LONDRES · ROMA

ficam desde agora ao seu alcance, nos aviões da ALITALIA graças à

Triunfo

assim como outros prémios em aparelhos electro-domésticos dos Estabelecimentos Sida, Lda., produtos TRIUNFO, etc.

Correspondendo ao interesse do público, foi resolvido que o envelope mágico, contendo os prémios TRIUNFO se trocasse contra a entrega de invólucros representando compras no valor de 70\$00.



Uma oferta da TRIUNFO para todos os que sabem escolher

TODOS TÊM PRÉMIOS

Na FUSETA

Vende-se ou arrenda-se um prédio que consta de mercearia e taberna e casa de habitação situada na Rua Dr. Antero Cabral, 20 e 22, próximo do Mercado. Tratar no referido prédio.

Vício de fumar

Quer perder este vício? Use o ANTI-FUMANTE ABADIAS e no prazo máximo de 15 dias, deixará de fumar. Êxito absoluto. Envie 30\$00 em selos de 1\$00 ou vale postal e este anúncio a ABADIAS, Rua Nova da Piedade, 60 r/c, Esq., LISBOA-2, e receberá o produto na volta do correio.

Prédio em Olhão VENDE-SE

Construção nova, com casa de pasto no rés-do-chão e residência no 1.º andar, desocupada. Tratar com o próprio, na Rua do Gaibéu, 19-21 — Olhão.

JORNAL DO ALGARVE N.º 321 — 18-5-63

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

O Doutor Joaquim Augusto Valente Cantante, Meritíssimo Juiz de Direito da comarca de Vila Real de Santo António:

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca, correm éditos de trinta dias, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o réu Alvaro Baptista Primitivo, casado, empregado de escritório, que teve a sua última residência conhecida nesta vila, e actualmente ausente em parte incerta de Espanha, para no prazo de oito dias, findo que seja o dos éditos, contestar a acção de pedido de alimentos definitivos que lhe move a autora D. Suzete Mendes Primitivo, sua mulher, doméstica, residente nesta vila, pelos fundamentos constantes do duplicado da petição inicial que se encontra à disposição do citando na Secretaria Judicial desta comarca (Secção de Processos), sob pena de, não contestando, se haverem por confessados os factos articulados pela referida autora.

Vila Real de Santo António, 6 de Maio de 1963.

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

Joaquim Augusto Valente Cantante

O Escrivão de Direito,

a) Vítor Carlos Pontes Vilão

A moagem de ramas e a concorrência das cooperativas

Acerca da local que publicámos em 30 de Março sob o título «A moagem de ramas e a concorrência das cooperativas», recebemos há dias do sr. eng. Heitor Henrique Batalha de Almeida, de Faro, uma extensa carta em que contraria os pontos de vista expendidos pelo autor da referida local. Fê-lo a título pessoal pois não é sócio da Cooperativa de Santa Catarina e esta circunstância bastava para nos isentar da obrigação de nos referirmos à sua carta. Mas como nesta há matéria que se nos afigura construtiva vamos transcrever aquilo que em nosso entender merece ser conhecido:

Em Portugal, como em todos os países civilizados, a farinha de trigo para pão, tem características fixadas por lei. Uma delas é o teor de cinzas, entendendo-se por cinzas, o residuo mineral resultante da calcinação da farinha de trigo. Esse residuo mineral deriva na sua quase totalidade, das impurezas existentes dentro do sulco característico do trigo e ainda da própria casca.

Para cumprir a lei, as moagens de farinhas espodadas, são obrigadas a instalar secções de limpeza, vulgarmente constituídas por tararas — máquina destinada a separar pedras graúdas, palhas etc., bandeja — máquina que se destina a separar aveias, pedras miúdas, etc., separadora de sementes estranhas ou triores, despontadoras — máquina que serve para desgastar a camada exterior da casca, os pelos do cereal e ainda retirar parte da poeira aderente ao mesmo, lavadoura, que como o nome indica, serve para lavar o trigo, etc. A Cooperativa de Santa Catarina, entendendo que o teor de cinzas, que é considerado prejudicial à saúde de quem utiliza a farinha de trigo espodada, também o seria para os seus associados, fez instalar uma completíssima secção de limpeza na sua moagem.

Os moageiros de ramas, não só não fazem uma limpeza perfeita do cereal, mas também juntam à farinha, os resíduos minerais resultantes do desgaste das suas mós e, ao afirmar isto não pareço somente responsabilizar os industriais de ramas pela adição dos detritos das mós, mas responsabilizo-os mesmo, porque na maioria dos casos, fazem-no voluntariamente, sabendo que se adquirissem os velhos moinhos de cilindros, desmontados das fábricas de moagem de espodadas e vendidos como sucata e, reparados, os montassem nos seus moinhos e asenhas, obteriam melhor produto e maior produção e com menor potência. Foi isto que fez a Cooperativa de Santa Catarina.

Também os industriais de ramas sabem que é antieconómico para eles e sobretudo para o País, moer o trigo numa só operação, da qual resulta desde pó impalpável, até partículas da

amêndoa do trigo, suficientemente grandes, para serem separadas juntamente com o farelo quando, para fabricar o pão, se peneira a farinha e também sabem que o farelo das moagens de ramas, leva aderente uma larga percentagem de farinha, com manifesto prejuizo para todos. Estes inconvenientes só se conseguem evitar fazendo a moenda fraccionada, isto é: operações de moenda sucessivas, separadas por operações de classificação granulométrica. Assim, nas moagens de espodadas, a cada operação de moenda, segue-se uma peneiração pela qual se separa imediatamente a parte do trigo que atingiu a granulometria da farinha e se encaminha o restante, de maior calibre, para as operações subsequentes e convenientes.

Esta técnica, conduz a um aproveitamento muito maior do trigo e por consequência a farelos muito mais magros e ainda a espodadas industriais muito mais rentáveis. Foi isto que se fez em Santa Catarina, não com os milhares de contos da colonização interna, mas com o crédito bancário, com a responsabilidade pessoal dos directores da Cooperativa, que não auferem qualquer remuneração pelo lugar que desempenham e ainda com a paciência e boa vontade de fornecedores e amigos, que com reformas de letras sobre reformas, têm dado à Cooperativa, tempo para ir pagando os seus débitos.

Resumindo, o que a Cooperativa procurou fazer, foi: fornecer melhor produto aos seus associados, pagando o trigo pelo seu justo valor, fornecendo a farinha pelo preço corrente ou menor e amortizando a instalação construída pela melhoria do rendimento com ela conseguido.

Em nada há portanto concorrência desleal, o que há infelizmente em larga escala, é a incapacidade mais intelectual que económica de quase todos os industriais, que teimam em ir buscar o lucro ao aviltamento do preço da matéria-prima com prejuizo do produtor e em última análise, do País, mantendo as suas indústrias ao nível da era da pedra lascada, com preços de custo absolutamente inoportáveis.

Não têm portanto o direito de se queixar dos outros, quando só a eles cabe a responsabilidade da sua situação.

A Cooperativa de Santa Catarina, como todas as outras, é dos sócios, para os sócios e pelos sócios, mas se algum industrial conseguir oferecer serviços em melhores condições que a própria Cooperativa, a falta de espírito cooperativo entre nós, é suficientemente grande, para que os sócios imediatamente prefiram os serviços desse industrial, ao da Cooperativa.

Da leitura da carta do sr. F. S. N. pode concluir-se logicamente que todos

TURIJORGE AGÊNCIA DE TURISMO EDUARDO JORGE, LDA.

Praça de Londres, 9-B-Telefs. 711531-724957-LISBOA

PASSAGENS Aéreas, Marítimas e de Caminho de Ferro • Embarques rápidos para a África Portuguesa EXCURSÕES no País e no Estrangeiro DE AUTOCARRO — DE COMBOIO — DE AVIÃO — CRUZEIROS RESERVAS DE HOTÉIS : VISTOS CONSULARES : SEGUROS DE VIAGEM NÃO VIAJE SEM PRIMEIRO NOS CONSULTAR

GAGUEZ

Podéis dominá-la pela reeducação da voz. Documentos comprovativos de óptimos resultados. Reduam-se estudantes em quaisquer férias. BELLES LEIRIA (prof. da Casa Pia, nesta especialidade) — Av. Alm. Reis, 67-1.º, Dt.º - Telef. 41018 - Lisboa-1.

Automóvel

BUICK da série 13, bom estado, com T. S. F., vende-se por motivo de ausência do proprietário. Nesta Redacção se informa (3137).

MONTE GORDO

Vende-se moradia de construção recente, bons acabamentos, 5 assoalhados, cozinha e 2 quartos de banho. Tratar com Teófilo Rita Nené, telef. 337 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO.

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Olhão na Tabacaria Moderna, Avenida da República, 46.

Furgonetas Fordsons

séries 16 e 18 de 600 kg. de carga e caixa aberta em bom estado, vende:

LUCILIO MATOS TOUPA

Rua do Alvíto, 33

LISBOA

TELEFONE 637024

Brancura e longa vida só com OMO



Orgulhe-se do aspecto impecável da sua roupa

Omo, o melhor amigo da sua roupa, produz espuma abundante e activa que lava suave e eficazmente. Lavada com Omo a sua roupa dura mais e ganha verdadeira brancura — a brancura Omo! A acção altamente detergente de Omo liberta totalmente a sua roupa de toda a sujidade sem o fatigante trabalho de esfregar que estraga rapidamente. Não use mais processos antiquados para lavar a sua roupa. Use Omo, o moderno processo de lavagem, mais rápido, mais económico e mais eficiente. Dê à sua roupa a famosa e deslumbrante brancura Omo.



OMO LAVA MAIS BRANCO...vê-se logo!



ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Comentários de ENCARNAÇÃO VIEGAS

Campeonato Nacional da I Divisão

Os algarvios não saíram diminuídos

Muito embora o resultado retrate com fidelidade o que foi o encontro no Restelo, a verdade é que o onze algarvio não saiu diminuído da contenda, já que de frente ao adversário mais cotado e na sua própria casa, soube distribuir-se no terreno com o propósito e sem excessivo povoamento da sua grande área e pôde também pensar no ataque girando...

Campeonato Nacional da II Divisão

A derradeira jornada deixou tudo como antes

Nem outra coisa seria de esperar, dado que as equipas algarvias tinham já definidas as suas actuações. Talvez que tivesse causado surpresa a vitória do Portimonense em Torres Novas, mas a verdade é que, numa partida sem responsabilidades para os dois contendores, foram os algarvios que constituíram o quadro mais esclarecido e empenhador, aquele que procurou com mais intenção colar a bola ao terreno...

Equipas e marcadores:

- OLHANENSE: Filhó, Alfredo e Nunes; Reina; Luciano e Rui; Matias, Campos (2), Gancho, Gralho e Alexandrino.
FARENSE: Rodrigues; Chabi e José António; Valdemar, Reina e Vitor; Júlio, Vinagre, Djunga (2), Gonçalves (1) e Totó.
PORTIMONENSE: Daniel; Lino e Celestino; Arquimínio, João Luís e Santos; Jorge, Mateus, Tomica, José António e Alexandrino (1).
SILVES: Tito; Baía e José Miguel; Lóia, Acácio e Gralho; Hélder, José Carlos, Mariani, Eduardo (1) e José Domingos (1).
LUSITANO: Santos; Toledo e Gonçalves; Silva, José Pedro e Laureano; Torres, Jesus, Barão, Rodolfo (1) e Cavém.

CLASSIFICAÇÕES

Table with columns for teams (I Divisão, II Divisão - Zona Sul, III Divisão - 8.ª série) and their respective scores and positions.

Table with columns for teams (II Divisão - Zona Sul) and their respective scores and positions.

Table with columns for teams (III Divisão - 8.ª série) and their respective scores and positions.

Table with columns for teams (Nacional de Juniores - 8.ª série) and their respective scores and positions.

O campo de jogos de Moncarapacho não oferece condições para a prática do futebol



A equipa de Juniores do Lusitano de Moncarapacho

Taça Associação de Futebol de Faro (Juniores)

Moncarapachense, 0 - Lusitano, 5; Faro e Benfica, 3 - Esperança, 2. Jogos para amanhã: Esperança - Farense; Lusitano-Lisboa e Fuseta e Moncarapachense-Faro e Benfica.

NECROLOGIA

João de Jesus Ventura

Causou grande consternação em Olhão, de onde era natural e onde residia, o falecimento inesperado do sr. João de Jesus Ventura, pessoa que gozava de merecida prestígio e estimado pelo seu carácter e pelo seu apuro. Contava 76 anos, era despachante da Alfândega, casado com a sr.ª D. Ermelinda Georgina Pinheiro Ventura e pai dos srs. António Ventura, funcionário da Alfândega, e dr. João de Jesus Ventura Júnior, advogado em Luanda.

D. Maria Teresa Fernandes

Com 75 anos, faleceu em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria Teresa Fernandes, viúva de José Burgo Salas. A saudosa extinta, que gozava de gerais simpatias, era mãe dos srs. D. Teófilo da Fernandes Noy, D. Maria Fernanda Salas Pescada e D. Rosália Fernandes Costa e do sr. José Burgo Fernandes e sogra da sr.ª D. Isabel Maria Berling Burgo e dos srs. Manuel da Silva Noy, Nômio Augusto Pescada e António Gonçalves Costa.

Também faleceram:

Em TAVIRA - a sr.ª D. Maria Justina Mestre Bacalhau, de 78 anos, viúva, mãe do sr. José Ludgoro Bacalhau e avó das sr.ªs dr.ª Maria Graciete Encarnação Bacalhau Rocha, licenciada em Farmácia e residente em Torres Vedras, e D. Maria Estelina da Encarnação Bacalhau, e do sr. Salustiano Lopes Rocha, empregado bancário em Lisboa.

- a sr.ª D. Maria Isabel Constantino, de 94 anos, viúva, mãe da sr.ª D. Isabel Constantino e avó da sr.ª D. Isabel de Sousa Gomes, casada com o sr. Artur de Almeida Ribeiro, chefe da contabilidade do Hospital Miguel Bombarda, de Lisboa, da menina Rita de Isabel Gomes e do sr. José Francisco Dias Pereira.

No sítio da VARANDA (Tavira) - a sr.ª D. Maria Viçência Valente, de 90 anos, viúva, mãe da sr.ª D. Maria Viçência Valente, casada com o sr. Francisco Gonçalves, e avó do sr. José Gonçalves Valente, casado com a sr.ª D. Maria Georgina Viegas Nunes, e bisavó dos srs. Júlio e Joaquim Viegas Valente.

No sítio de SANTA MARGARIDA (Tavira) - a sr.ª D. Maria da Conceição Pedro Magro, de 88 anos, viúva, natural de Conceição, e avó do sr. D. Maria dos Mártires Magro e D. Amália Maria Magro e dos srs. Heitor do Carmo Magro, José António Magro e João António Magro, proprietários, sogra das sr.ªs D. Rita Valentim Magro e D. Virginia Pescada Magro e dos srs. António Magro, António Magro, Manuel Marçal Magro, avó das meninas Maria Teresa Pescada Magro e Rolanda Ivone Pescada Magro, das sr.ªs D. Solange Ivete Pescada Magro, D. Maria dos Anjos Magro Caetano, D. Caçilda da Conceição Magro, D. Odete Magro Marçal e D. Celestina Lina Magro, dos meninos José Julião Magro Caetano e Rui José Pescada Magro e dos srs. José Baptista Magro Marçal, Fernando Gaciolo Marçal e Manuel Aveleiro Magro.

Em FARO - o sr. João de Sousa, casado com a sr.ª D. Francisca de Sousa Jacinto e pai dos srs. João e Aníbal de Sousa.

Em LOULÉ - a sr.ª D. Rosa Augusta Seruca, de 83 anos, viúva, mãe das sr.ªs D. Maria do Carmo Simão Barreiros, D. Marieta Martins da Silva Ferreira, e dos srs. Abílio Simão da Silva, Cândido dos Reis Simão, Sebastião Martins da Silva, sogra dos srs. Francisco João de Barros, António Barros, José de Almeida, José da Piedade Guita, Francisco Andrade Ferreira e avó das sr.ªs dr.ª Maria Gabriela da Silva Pissarra, D. Maria Odete Barreiros Amado, D. Rosa Maria Januário da Silva e dos srs. Francisco da Silva Barreiros, Heráclio Manuel de Barros, Sebastião José da Silva Guita, Francisco José da Silva Ferreira e Joaquim Manuel da Silva Neves e das meninas Epitáfia Maria do Adro Simão e Aldina Maria da Silva Ferreira.

Na MINA DE S. DOMINGOS - a sr.ª D. Bárbara Jerónimo, de 94 anos, que era a pessoa mais idosa da freguesia. Era ACHADA DO GAMO (Mina de S. Domingos) - a sr.ª D. Bernardina Maria Domingos, de 74 anos, viúva, mãe da sr.ª D. Maria José Domingos e do sr. Fabrício Domingos Branco; avó do sr. António Domingos Quirino, electricista da Estação de Santa Maria, da Virginia Maria Quirino Franco, tia do sr. Augusto Domingos, chefe das oficinas das Minas do Louzal; e sogra do sr. Francisco Quirino, funcionário da firma Mason and Barry, Limited.

Em LISBOA - a sr.ª D. Palmira da Conceição Cruz, de 88 anos, natural de Portimão, e avó de Luis Claudino da Cruz e mãe da sr.ª D. Maria Luísa da Cruz.

- a sr.ª D. Joaquina de Sousa Ramos, de 80 anos, natural de Paderne, professora oficial aposentada, viúva, mãe da sr.ª D. Maria Adelaide Ramos da Conceição Araújo e dos srs. José Augusto Ramos da Conceição, José Armando Ramos da Conceição, e irmã do sr. António de Sousa Ramos.

- o sr. Silvestre da Silva Peres, agente da Administração do Porto de Lisboa, natural de Lagos.

- o sr. Alfredo da Palma, de 70 anos, natural de Lagos (Alcolum), casado com a sr.ª D. Maria José Rodrigues da Palma.

- a sr.ª D. Maria Rosa Barroso, de 78 anos, natural de Lagos.

- a sr.ª D. Luclia Costa Lourenço, de 22 anos, natural de Monchique, que foi morta a tiro em circunstâncias estranhas.

- a sr.ª D. Elvira Bento Afonso, de 43 anos, natural de Mértola, casada com o sr. Augusto José Brás e mãe dos srs. José Augusto Brás, Augusto Afonso Brás e António Afonso Brás.

- o sr. António de Sousa Gouveia, de 75 anos, natural de Olhão, proprietário, irmão da sr.ª D. Maria do Rosário de Sousa Correia, tendo-se realizado o funeral para a terra da naturalidade.

- o sr. José da Luz, de 76 anos, ferroviário aposentado, natural de Poco Barreto (Silves), casado com a sr.ª D. Teresa Mendes da Luz.

- o sr. António Rodrigues Luz, de 40 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, casado com a sr.ª D. Inácia Rodrigues da Luz.

- a sr.ª D. Delfina Correia Passarinho, de 38 anos, empregada da indústria de conservas, natural de Lagoa, mãe da sr.ª D. Fernanda Passarinho Gil Martins, casada com o sr. Manuel José do Carmo Gil Martins.

- a sr.ª D. Francisca Rosa Seromenho, de 95 anos, viúva, natural de Lagos, mãe dos srs. João e Júlio Seromenho.

- a sr.ª D. Maria da Conceição Marcos, de 87 anos, viúva, natural de Loulé, e do sr. Carlos Vaz Velho da Palma, de 75 anos, natural de Olhão, funcionário do Ultramar, aposentado.

- a sr.ª D. Rita das Dores Ribeiro, de 77 anos, natural de Faro, viúva, mãe do sr. José Rodrigues Ribeiro, funcionário do Ministério da Marinha, e avó do sr. Ludovico Gomes Ribeiro, empregado bancário.

- a sr.ª D. Esperança do Carmo Cruz, de 60 anos, natural de Olhão, casada com o sr. Manuel João da Cruz.

Em ALMADA - o sr. Francisco Barão, de 73 anos, natural de Mértola, casado com a sr.ª D. Teresa de Jesus Barão, e pai do sr. Jaime de Jesus Barão.

- a sr.ª D. Beatriz da Luz, de 70 anos, natural de Lagoa, viúva, mãe do sr. José da Luz Guerreiro Cortês e António da Luz Guerreiro Cortês.

Em AROUCA - o sr. José Lopo da Luz, natural de Lagos, casado com a

sr.ª D. Maria Carrasquinho da Luz e pai dos srs. Alberto Carrasquinho da Luz, tesoureiro de Finanças em Arouca; tenente Esmeraldo Carrasquinho da Luz, em serviço na Guiné; e José Carrasquinho da Luz, empregado no Banco Nacional Ultramarino em Lisboa. O funeral realizou-se em Lagos.

Na COVA DA PIEDADE - o sr. Adelino Gonçalves de Lima, de 56 anos, natural de Silves, cabo da Armada, aposentado, casado com a sr.ª D. Rogélia dos Santos Lima, pai da sr.ª D. Conceição dos Santos Lima Valverde, sogro do sr. Arlindo Gonçalves Valverde, irmão da sr.ª D. Maria Clotilde Valente de Almeida, e cunhado do sr. Manuel Valente de Almeida.

Em ALMADA - a sr.ª D. Francisca Sintra Serrão Catalão, de 83 anos, natural de Odifexere (Lagos), viúva, mãe da sr.ª D. Alda da Glória Catalão Baptista e do sr. José Gonçalves Serrão Catalão, tendo-se realizado o funeral para a terra natal.

Em LOUZEIRO MARQUES - o sr. Salvador Oliveira Ribeiro, topógrafo da Hidráulica Agrícola, de 54 anos, casado com a nossa compatriota sr.ª D. Maria Manuela Padinha Ribeiro e pai dos meninos Maria do Rosário, Manuel Salvador e José Salvador.

As famílias enlutadas apresentam Jornal do Algarve sentidas pesames.

O bairrismo em S. Brás de Alportel é um ilustre desconhecido...

S. BRÁS DE ALPORTEL - Costuma-se dizer sem reboço, evidentemente com intencional malignidade, que S. Brás de Alportel é uma caldeira serrana, talvez por esta simpática e hospitaleira vila algarvia se debruçarem nas faldas dos primeiros montes da serra do Caldeirão.

Para aqueles que amam extremamente o seu torrão natal, a frase tem incontestável essência pejorativa. Essa minoria, que aliás pulula em todas as regiões, useira e vezeira em malsinções, tem no entanto que dobrar a cerviz e reconhecer honestamente que esta terra é na verdade, presentemente, um centro industrial corticeiro em constante evolução, embora as restantes indústrias e comércio estejam de facto pelas ruas da amargura, devido certamente a diversos factores que mereciam um estudo objectivo.

Orgulha-nos afirmar, que desde há muitos anos sacudimos costumes primitivos e procuramos, com notável sentido prático, moldar-nos à senda luminosa do progresso fulgurante deste século. Os alfabetos, contam-se felizmente pelos dedos, existindo uma corrente notória para assimilar na íntegra os magníficos frutos da civilização contemporânea, num vasto sentido enciclopédico.

Contudo, fascinados no meio desta progressão mecanizada, alguma coisa de mau se vinculou em nós e devemos confessar a priori, que perdemos exacta e precisamente o sentimento que obstinadamente devíamos cultivar em todas as circunstâncias: o bairrismo! A dedicação, o sacrifício e o amor pela nossa terra, deveriam fazer parte integrante das nossas preocupações cotidianas, dar-nos inconfundível personalidade de são-brasenses ciosos da sua terra, afastando-se da nossa indolente hábitos nocivos que se reflectem esmagadoramente no pequeno comércio local, muito particularmente no ramo das roupas e das fazendas.

Não é segredo para ninguém que uma megalomania impressionante, quase terrível, regra sem excepção, assaltou ricos e remediados, os quais avidos de copiar os figurinos modernos, numa sensacional adaptação ao estilo exportado por Paris, que se ambientou em S. Brás de Alportel como peixe na água, com inaudito sucesso. Tal qual! Um fenómeno incontrolável, que provoca correrias sem norte. Quando as exigências da constante actualização da moda ordenam, eis que os «nossos bairristas» pressurosamente se deslocam à cidade para entrar nos «cizos»! As sedas, os brocados, os «terylene», os sobretudos, as gabardinas, e até os sapatos e as camisas, são procurados nos modernos estabelecimentos da cidade, por qualquer preço, e quanto mais caro, maior categoria. Paga-se alegremente em cheque ou numerário as avultadas compras cuja facturação atinge facilmente os milhares de escudos, que foram, diga-se alto e bom som, ganhos honestamente cá na santa terrinha, lá isso é verdade.

Mas o que é verdade, também, e que triste verdade!, é que as lojas da especialidade cá no burgo, têm à venda muitas vezes os mesmos artigos e a preços mais acessíveis. Mas a «doença» pegou, e o desastroso resultado esmalta-se eloquentemente; estabelecimentos às moscas, cujos proprietários se vêem em palpos de aranha para pagar as suas contribuições e aos poucos empregados, e fazer face a outras responsabilidades inerentes, devido a esta «epidemia» que se introduziu como micróbio na nossa mentalidade de bairristas ultra-modernos. Claro que muitas vezes se come gato por lebre, mas é indispensável ser escravo da moda e manter as aparências, pois só na cidade se cultiva a alta costura do malogrado Cristian Dior, e a fivíssima técnica do seu sucessor Salvador Daly!

E como complemento, temos depois a parada da elegância. A chegada das camionetas ou dos automóveis no Largo de S. Sebastião, assiste-se impavidamente à exibição de gala dos emburilhados monumentais e espantosos, de papel berrante e fitinhas coloridas, que os moços de freles sobraçam, já adaptados a esta rotina quase diária.

Se umas rajadas de bom-senso não penetrarem profundamente nos cérebros, arrejando estes hábitos ruinosos, os simpáticos comerciantes deste ramo de negócio, têm os dias contados! Que bicho venenoso te mordeu, bairrismo são-brasense? Onde é o teu paradeiro, tustre desconhecido?

F. CLARA NEVES

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje
Aos baldões da tempestade,
Vou sucumbir nos escolhos...
Tenho cega a mocidade:
Falta-me a luz dos teus olhos.
Joaquim Ferreira

Também na cozinha se pode ser artista

Filetos franceses - Prepara-se o peixe em filetes e temperam-se de sal e pimenta. Põe-se um bom bocado de manteiga num recipiente e deita-se-lhe cebola picada muito miudamente. Nesta preparação fritam-se os filetes (sem queimar) previamente enrolados em queijo Gruyère e Parmesão. Com a manteiga que fica dos fritos e um pouco mais se necessário for, faz-se um creme com farinha e leite.

Põem-se os filetes num prato de ir ao forno e cobrem-se com o creme, deitando-lhe por cima queijo ralado (muito), e leva-se ao forno a dourar.

O doce nunca amargou

Bolinhos de nata - Eis os elementos a empregar para fazer estes bolinhos, que são muito saborosos: nata, 500 grs.; açúcar pilado, 250 grs.; ovos de grandeza média, 14; farinha, 1.000 grammas. Deita-se num alguidar a nata bem desfeita, e bate-se muito bem com o açúcar e metade dos ovos, deitados a um e um; depois, junta-se metade

da farinha, ligando tudo muito bem para formar a parte interna dos bolinhos, a qual se deixa em repouso por cerca de meia hora.

A cada prepara-se uma massa com o resto da farinha e dos ovos, massa que se estende com o rolo sobre a tábuca, até que fique da espessura de um milímetro.

Com a pasta destinada ao recheio, a que primeiro se prepara, formam-se rolos que se dispõem sobre a massa estendida, envolvendo-os nela. Estes rolos cobertos, cortam-se em bocadinhos de igual espessura, perpendicularmente, empregando uma faca que corte bem, e dispõem-se em tableiros polvilhados com farinha para irem ao forno de temperatura elevada.

Como eles pensavam

Ninguém guarda melhor um segredo do que aquele que o ignora. - Farquhar
*** Os homens têm de ser escravos do dever ou da força. - Joubert

E agora não ria!

Ao telefone:
- Estou a falar com o sr. director do Montepio?
- Sou eu. Que deseja?
- Faz favor de me dizer que horas são?
- O senhor julga que estamos aqui para brincar?
- Brincar, não! Os senhores têm aí o meu relógio...

5) A PESCA DO ATUM

Construam-se apenas atuneiros para a pesca longínqua e não para a pesca costeira e local

pelo capitão-de-mar-e-guerra da R. A. JOSÉ SALVADOR MENDES

SUPOMOS os japoneses os criadores do sistema de pesca designado por palangre («long-line»). Foi, de facto, o método que eles há muito elegeram para capturar o atum sob a superfície do mar, para o que aí colocaram aparelhos de muitos anzóis para a captura do atum preto, do atum de alheta amarela e da albacora. Têm eles exercido esta pesca, tanto nas águas próprias, como nas extensas regiões dos oceanos Pacífico e Índico. A estrutura desse sistema captor e a profundidade a que os seus anzóis são instalados difere com as espécies cuja pesca se tem em vista, com os factores oceanográficos, com os pesqueiros eleitos, com a estação do ano e, finalmente, com a preferência individual de cada pescador. Por via de regra, para a mesma espécie, os anzóis são colocados em águas mais profundas, nas latitudes meridionais e a níveis mais elevados nas águas mais frias.

O palangre japonês, inicialmente construído para a captura do atum preto e do atum de alheta amarela, era suspenso da superfície do mar para profundidades de 75 metros e mais, e o número de anzóis de que eles dispunham era de 2 a 10, por cada quartelada do aparelho de pesca respectivo.

Todavia, o palangre especialmente destinado à captura da albacora usava de 10 a 30 anzóis por cada quartelada. Estes anzóis eram colocados a profundidades que variavam de 30 a 60 metros. O mesmo comprimento de aparelho poderia utilizar-se para todas as espécies; e, sendo assim, usavam-se estralhos de vários comprimentos, em cada uma das quarteladas do respectivo sistema de pesca. O material frequentemente usado na madre, na linha de flutuação e nos estralhos era o algodão, que poderia variar de 2,5 a 6 milímetros, conforme se destinasse à captura da albacora ou dos atuns de grandes dimensões. Empregavam-se torneis nos estralhos para se procurar evitar o emaranhamento destes.

Um atuneiro de 135 toneladas brutas de arqueação, empregava 250 quarteladas de aparelho, que eram largadas ao mar em linha contínua, usualmente antes do anoitecer e no sentido tanto quanto possível perpendicular à trajectória relativa ao movimento do atum. A isca usada era a sardinha salgada, anchovas, carne de tubarão, peixes voadores, etc.

A «cana» ou «cana de pesca» («pole and lines») é também utilizada pelo atuneiro «Marefish». Quando o exercício da pesca com este sistema não se afigura garantido, é ele substituído pelo palangre, cujo exercício se efectua diariamente com maior ou menor resultado.

A «cana» ou «vara de pesca» é empregada essencialmente na captura do atum voador, cujo peso não excede cerca de 35 quilos. Em 3 horas podem-se pescar 20 a 30 toneladas de atuns, quando o peixe muito abunda. Mas, quando ele não superabunda, essas quantidades são normalmente pescadas em 10 a 12 horas. Todavia, este exercício de pesca é algo contingente. Esta pesca é praticada com isca viva, no poço do «Marefish», sito na parte de vante do navio, entre a ponte e o castelo de proa. Para tanto, abate-se antecipadamente a balastrada de ambos os bordos e, das bordas respectivas, suspendem-se uns cestos metálicos (12 a cada bordo),

mediante correntes convenientemente dispostas e fixadas para a borda do atuneiro; e, em cada um desses cestos, instalam-se dois pescadores com as respectivas varas ou canas de pesca.

Quando o atum a capturar é pouco pesado (30 a 70 quilos), cada pescador manobra uma vara de bambu munida de um único anzol. Mas, logo que os exemplares a capturar se apresentam com peso avantajado, empregam-se duas varas dos extremos superiores das quais parte um «pé de galinha», que, no vértice respectivo, tem apenas um único anzol. Todavia, quando o exemplar capturado é de tal maneira pesado que os dois pescadores não o possam «meter dentro» com ambas as varas, são eles auxiliados nessa operação por um terceiro homem, que, para tanto, manobra um dispositivo de força. Este é constituído por duas linhas de cânhamo ou linho que, partindo do extremo superior de cada uma das varas, vão gurnir depois em dois moitões fixos a um cabo, que da ponte se vai fixar ao castelo de proa, a altura conveniente. Os extremos dessas linhas, depois de gurnirem naqueles dois moitões, juntam-se de maneira a formar um outro «pé de galinha». É por meio de um cabo, ligado à junção dos extremos dessas linhas, que o terceiro homem coadjuva os dois pescadores no recuo a imprimir por estes às varas, para deste modo tentarem meter o peixe a bordo. Por vezes, o «bicheiro» desempenha também papel importante na manobra do embarque dos pesados atuns capturados.

Para a exploração da pesca realizada à superfície, idealizaram os japoneses, em tempos idos, a técnica de espargir a água do mar à superfície do oceano. Dizem eles que o franzir dessa superfície oceânica excita o peixe, tornando-o assim mais voraz, o que, deste modo, o faz abocar mais facilmente a isca que então se lhe apresenta. O uso da técnica desenvolveu-se desde os primitivos esforços realizados com o objectivo de melhorar o efeito da pesca, batendo-se, para tanto, a superfície das águas com varas de bambu. Contudo, hoje em dia, instalam-se na borda dos atuneiros dispositivos espargidores de água do mar e quando os cardumes de tunídeos se aproximam desses barcos, põem-se estes dispositivos em funcionamento durante o tempo que dura o exercício da pesca. Além de excitar a voracidade do peixe, o espargidor forma em volta do atuneiro como que um biombo aquático que impede o atum de ver o barco respectivo, que opera na sua captura mediante varas de pesca.

O atuneiro «Marefish» dispõe de um sistema espargidor mais completo que o supracitado. E, assim, em volta da sua borda há um dispositivo espargidor, espécie de chuvaeiro, que lança a água do mar a toda a volta e a pequena distância da sua linha de água, formando como que um primeiro biombo aquático, que veda a visão do atuneiro ao peixe engodado. Além desse dispositivo espargidor, há a toda a volta do navio uma série de mangueiras que lançam a água do mar a alguns metros de distância desse primeiro biombo, formando assim, a alguns metros de distância deste, um segundo biombo aquático, que impedirá o atum de ver o que se passa para além dele. A isca viva lança-se para a zona de mar compreendida entre esses dois biombos, a fim de af engodar o atum. E, pois, dentro desta estreita zona que se pratica o exercício da pesca dos tunídeos, engodados dentro dela, com varas de pesca e da forma mais eficiente.

TINTAS «EXCELSIOR»

Os pesados encargos que dificultam a actividade piscatória deviam ser objecto de revisão

(Continuação da 1.ª página)

geralmente se ouve, que o armador tem hoje grandes lucros e que está cheio de dinheiro. Pelo contrário. O armador com essas transformações adquiriu encargos que não se podem suportar.

Sempre pagamos os direitos de pescada, existiram sempre, sempre pagamos as contribuições industriais, existiram sempre; sempre se pagaram as quotas do Grémio, sempre se pagou a licença de pesca, as matrículas, etc.

Mas... tudo no seu feito. Hoje a indústria paga: imposto de pescada, licenças de pesca, licenças de encaixar, vistorias, vistorias aos aparelhos de rádio e auxiliares de navegação, vistorias aos cascos, motores, meios de salvagem, Junta Autónoma, acostagens, avenças, ocupação de terrenos quando estende redes, regulação de agulhas (periódica), licenças de Comércio e Indústria, Cálculos de Previdência do F. M. Mercante, referente aos motores, Fundo de Desemprego, quotas de Grémio, quotas de utilização dos postos costeiros de rádio, uma parte para a Casa dos Pescadores, assistências etc.

Agora na última matrícula mais percentagem para Abono de Família, etc. Alguns destes encargos são novos. Agora aparece mais um de que discordo em absoluto. O pagamento de 2000\$00 por cada barco que atraque com peixe na lota industrial e cuja venda seja, igual ou superior a 1.000\$00. Como pode ser isto? Para onde caminhamos? Então não se vê que isso não pode ser aceite? Não se vê que o armador com uma venda de mil escudos, perdeu quase outros mil? Não poder ser. A J. A. P. S. Algarve está a ver mal o problema. Com uma venda de mil escudos só há prejuízo. Como pretendem fazer pagar mais 2000\$00 por uma venda igual ou superior a 1.000\$00? É mais ainda do que pagamos aos pescadores como pensão. Esta só é devida por 1000\$00 se a venda for igual ou superior a 2.000\$00 e de 2000\$00 se igual ou superior a 4.000\$00. Esta taxa não está bem aplicada. Por meu lado peço à J. A. P. S. que reveja o assunto eliminando tal taxa ou pelo menos amenizá-la, fazendo-a incidir por uma venda de quantia igual ou superior por exemplo a 8/10.000\$00. Já se encrava o seu pagamento de melhor vontade.

Isto se fosse impossível eliminá-la, como era de justiça.

Quanto às vistorias aos aparelhos de rádio e auxiliares de navegação devia fazer-se uma única vistoria com validade para cada safra; pelo menos e não como até aqui se vem fazendo, com validade somente para 120 dias, além de certificados de inspecção e exploração etc. E um encargo criado por um benefício que o armador introduziu nas suas embarcações. O sr. capitão do porto pode interceder a nosso favor.

Ao Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha pede-se que anule o pagamento da taxa de utilização dos postos de rádio, pois a utilização representa um benefício de que deviamos gozar sem o encargo correspondente.

As Câmaras Municipais pede-se que abatem de 1% no imposto que cobram no pescado, pois com 2% em vez dos 3% que cobram actualmente já nos parece bem, revertendo o outro em proveito do armador, que bem precisa. Porque é preferível receber-se 2% certos do que 3% irregularmente e com a impossibilidade de poderem continuar a ser pagos. Porque os encargos todos somados atingem muitos por cento.

Não acho elevado o que se paga, mas desde que a indústria tenha condições de poder pagar.

Há que ter em mente que a indústria da pesca não pode morrer, tem que ser ajudada por todas as entidades e organismos que na mesma superintendem, ajudando-a, estimulando-a e aliviando-a, dentro do que for possível nos seus encargos. A ela estão ligados milhares de pessoas que dela vivem e que nela estão esperanças em melhores dias. Não a desprotejam, não a sobrecarreguem com encargos que a façam curvar, eliminem-lhe alguns para que ela possa cumprir honestamente a missão que lhe compete.

Ao Estado convém dedicar à pesca da sardinha maiores cuidados e melhor protecção. Por que não se criam nos principais portos de pesca da sardinha armazéns e câmaras frigoríficas, por conta do Estado, destinados a receber, nos dias de grande abundância de pescas, os excedentes, para se evitarem as vendas a baixos preços como muitas vezes tem sucedido, com graves prejuízos para armadores, pescadores, comerciantes e para o próprio Estado? É mais um assunto para encarar. É preciso que se faça também

alguma coisa para o bem da indústria da pesca da sardinha, porque ela é uma indústria nacional, trabalhando para a Nação e para bem da Nação.

Se actualmente o País precisa de todos os recursos encontra naturalmente

grande parte deles na pesca da sardinha, uma das maiores riquezas nacionais. Amparando-a, protegendo-a, facilitando-lhe meios de sobrevivência, acatando e defendendo uma fonte de riqueza de que o País não pode prescindir.

Reforçando os seus próprios recordes, a

CASA DA SORTE

elevou para

25 PRÉMIOS GRANDES

no valor de

16 MILHÕES

o total dos prémios grandes distribuídos, em 1963, aos balcões dos seus estabelecimentos

EXTRACÇÃO DA SEMANA PASSADA:

SORTE GRANDE - 244.606

1.000 CONTOS

2.º PRÉMIO - 23.544

200 CONTOS

31.945 — 10.000\$00	34.632 — 2.000\$00
244.605 — 3.940\$00	40.529 — 2.000\$00
244.607 — 3.940\$00	82.528 — 2.000\$00
23.543 — 3.900\$00	86.592 — 2.000\$00
23.545 — 3.900\$00	110.329 — 2.000\$00
276.514 — 2.040\$00	112.201 — 2.000\$00
35 — 2.000\$00	122.262 — 2.000\$00
23.476 — 2.000\$00	139.437 — 2.000\$00
23.770 — 2.000\$00	176.546 — 2.000\$00

Grande Lotaria do Santo António

1.º PRÉMIO — 8 MILHÕES

Bilhetes duplos, a 320\$00 (com fracções a 20\$00), à venda na

CASA DA SORTE

A falta de alojamentos NO ALGARVE

AINDA acerca do nosso artigo sobre o problema da falta de alojamentos que se vai registar este ano no Algarve e que tinha como finalidade — todos o compreendem — estimular a edificação de novas instalações hoteleiras que possam atender às necessidades cada vez maiores de alojamentos na nossa Província, recebemos da sr.ª D. Maria Stella Coen, residente no Triângulo Residencial, em Quartelra, uma destemperada e extensa carta-artigo, insurgindo-se contra os pontos de vista expressos no nosso artigo. Dada a redacção ofensiva da carta e porque na mesma diz a sua autora que o artigo que a acompanha tem possibilidades de ser publicado em diversos periódicos de Lisboa, Porto e mesmo do Sul do País, entendemos dever ceder a honra de tal publicação a qualquer dos nossos colegas.

Notícias de Silves

À maneira de prólogo

Ao começar a minha correspondência, saúdo *Jornal do Algarve* na pessoa do seu director. Oferecendo a todos os meus fracos préstimos, não o faço por simples praxe ou mera cortesia.

Escrevo para pugnar pelos interesses de Silves e o meu lema será um só: Tudo por Silves, nada contra o Algarve.

Programa definido, não anuncio, porque não o posso, até porque, pela natureza do «ofício», não seria fácil concebê-lo. Entretanto, ainda que sucintamente, aí fica exposto.

A velha Silves, cidade pacata e laboriosa, pode contar com o meu melhor esforço no sentido de lhe ser útil. Esta gloriosa terra, cheia de tradições e lendas, a cidade das mouras encantadas, a Silves hospitaleira, à beira do Arade pode contar com a minha constante admiração. Mas a histórica Silves, de cujo passado os seus naturais tanto se orgulham, não pode nem deve estar eternamente agarrada a recordações. Silves carece de vida, de movimento, de modernismo.

Parar é sinónimo de apatia, indiferença; e Silves não pode parar. Precisa de defender-se. Para isso, tem de lutar: o seu turismo, a sua vida industrial, o seu comércio, necessitam de ser revistos e impulsionados. E urge que algo se faça.

Aos seus filhos ausentes, àqueles que longe do torrão natal lutam pela vida, prometo levar notícias de amigos e vizinhos.

Não vale desanimar — O Silves F. C. desceu de Divisão. Mas não devemos desanimar. Os seus dirigentes, por certo, apoiados pela massa associativa, empenhar-se-ão para que o clube volte, num futuro próximo, a alinhar na Divisão de que a infelicidade o acaba de afastar. — C.

Jornadas agrícolas da Corporação da Lavoura

A Corporação da Lavoura leva a efeito nos dias 12 a 14 de Junho, umas «Jornadas» cerealíferas e leiteiras, destinadas ao estudo e esclarecimento dos problemas que interessam aqueles sectores da produção.

Para que as «Jornadas» atinjam a projecção que se pretende dar-lhe foi iniciado já, pela Corporação da Lavoura, um largo inquérito junto da Lavoura de todos os concelhos do Continente e Ilhas Adjacentes.

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Albufeira — João de Veiga.

AV. ALMIRANTE REIS 4-1.º Frente LISBOA
Tel. 55 38 35

A MAIOR E MAIS MODERNA COLECCÃO DO PAÍS

FABRICANTES

Lã Mescla desde . 80\$00 kg.
» Zelândia a . 100\$00 kg.
» Industrial a . 117\$00 kg.
» Austrália desde. 120\$00 kg.
» Sabrina (Fantasia) a 120\$00 kg.

AV. ALMIRANTE REIS, 4-1.º FRENTE LISBOA - 1

Peçam amostras

Enviamos encomendas à cobrança

A propósito do estádio do Olhanense fala-se nas vantagens da construção de um matadouro regional

(Conclusão da 1.ª página)

aproveitamento dos subprodutos e o elevado grau de higiene que se pode atingir.

«Hoje, só no Sotavento, se podem contar anualmente por algumas centenas largas de contos os prejuízos pelo não aproveitamento de carcaças reprovadas, do sangue e de todos os restos de matadouro que poderiam vir a dar boas farinhas de alto valor proteico destinadas ao melhor equilíbrio das rações do gado. Valores esses que assim recuperados poderiam ser utilizados numa larga campanha de profilaxia das parasitoses responsáveis pela maior parte das reparações de matadouro.

«Além do mais poder-se-ão preparar em melhores condições todas as especialidades de talho. Pode dizer-se que num matadouro industrial nada se perde, tudo se valoriza.

— E sob o aspecto higiénico?

— Não há dúvida que sob tal aspecto haveria um enriquecimento incomparável que os novos processos de mecanização facilitariam. Além disso, o volume do matadouro já justificaria a existência de um laboratório anexo que ajudaria o inspector, não tendo este que recorrer a auxílio laboratorial por vezes longínquo.

— A pecuária da região poderia só por si abastecer o matadouro?

— Tenho a certeza de que sim.

Tanto mais que se vem notando um certo incremento nas espécies pecuárias da região. Incremento que virá aumentando com o interesse do lavrador na produção de animais para carne (subsídios, pagamento de gado pela qualidade) e nos novos processos que vão aparecendo na criação de animais (estabulação livre, etc.); produção de plantas forraginosas adaptadas aos nossos terrenos e seu armazenamento — campanha de silos; o aproveitamento dos sapsais; a construção de novas barragens; e a colaboração das estações de Fomento Pecuário e Agrária.

— Poderia o matadouro vir a colaborar no abastecimento de outros centros?

— Sim, na medida em que se pratica ainda hoje o grave erro de transportar em vida os animais para os grandes centros a algumas centenas de quilómetros. Poder-se-ia transportar em muito melhores condições a carne, em vagões ou camionetas frigoríficas, como se pode ver em toda a Europa, com economia no frete e ainda no facto de os animais perderem muito peso e chegarem enjoados aos locais de abate reflectindo-se na qualidade da carne.

— Como se faria o abastecimento?

— A partir dos frigoríficos anexos ao matadouro sairiam os transportes frigoríficos ou simplesmente isotérmicos, conforme as distâncias a percorrer. Naturalmente que se se viesse a adoptar o abate no Matadouro Regional, em vez da condução dos animais em vida para os

grandes centros, o transporte dessas carnes poder-se-ia verificar quer em vagões quer em camiões frigoríficos. De resto o abastecimento dos talhos da nossa zona dever-se-ia fazer em camiões isotérmicos pelas pequenas distâncias a percorrer.

«Já num outro escalão de abastecimento, na zona serrana e nas pequenas localidades onde não existem talhos poder-se-ia muito bem adoptar um processo que muito se vê em França — talhos volantes montados em furgonetas munidas de balcões frigoríficos e com todas as exigências higiénicas modernas, que rapidamente se deslocam, o que permitiria fornecer às povoações e lugares, carne fresca todos os dias que ajudaria ao equilíbrio do regime dietético das gentes de zonas hoje afastadas.

— Como se poderia efectivar a construção do Matadouro Regional?

— Com o acordo das Câmaras, numa federação, sistema já praticado no nosso País e que tem dado resultados, sem haver qualquer prejuízo económico para as respectivas participantes. Trata-se de problemas de higiene pública que ultrapassam os limites de uma pequena área, a que constitui a de qualquer concelho, para abranger os interesses da vasta população de uma região que é o Sotavento.

— Dever-se-ia construir imediatamente o matadouro?

— Imediatamente. Todos os dias se perde muito dinheiro que foge impunemente pelos esgotos dos matadouros e a caminho das montureiras municipais. Só matadouros com um certo volume poderão acumular o aproveitamento dos subprodutos.

«Assim, eu, julgo que o Sotavento algarvio poderá e deverá mesmo, construir já o seu matadouro industrial.

MAIS DE 50 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO
SERVE-SE À CHAVEIRA E VERDE-SE A PÉSO EM TODO O PAÍS

Vilarinho & Sobrinho, Lda.
Janelas Verdes — LISBOA

Atlante Rádio apresenta O MARAVILHOSO RECEPTOR QUE HÁ MUITO ERA ESPERADO PELAS SUAS ESPECIAIS CARACTERÍSTICAS, PROPORÇÕES E PREÇO VERDADEIRAMENTE ACESSÍVEL!

Orienta

NO MUNDO DA RÁDIO ORIENTE-SE POR UM Orienta

AGENTES GERAIS

Electrónica, Lda. R. DE SANTO ANTÓNIO, 71 TELEFONE, 25800-PORTO

Agente em Olhão: AMÉRICO GUALBERTO MATIAS Rua 18 de Junho, 171

Agente em Lagos: JACINTO DA COSTA SANTOS Rua Marreiros Neto, 13

J.A. HONRADO & CALLADO, LDA.
TRAV. DO GIESTÃO, 4 (R. Aliança Operária)
TEL. 63 71 06 - LISBOA-3

rega por aspersão SISTEMA BAUER
colha mais gastando menos
ouça a nossa Secção Técnica

REPRESENTANTE: ENG.º GUSTAVO CUDELL
PORTO - Rua do Bolhão, 157-161
LISBOA 1 - R. Passos Manuel, 69-A